

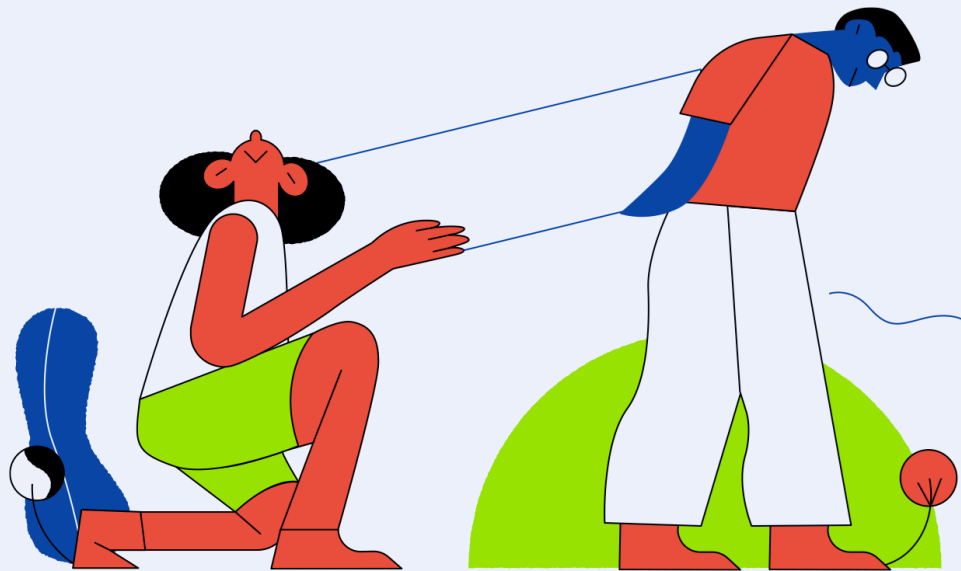
EIXO EDUCAÇÃO: Laboratório Mulheres Indígenas na Wikipédia

Mulheres indígenas na Wikipédia é um laboratório de ensino e pesquisa do [Instituto de História da Universidade Federal Fluminense](#) (IHT-UFF) voltado para a divulgação científica na internet.

A iniciativa visa a contínua contribuição para a difusão do conhecimento acadêmico sobre as mulheres indígenas do período colonial na Wikipédia. Suas atividades práticas abrangem tanto a criação de novos verbetes quanto a inclusão de informações nos artigos já existentes. Já as atividades teóricas envolvem discussões sobre o movimento Wikimedia e a divulgação científica na internet.

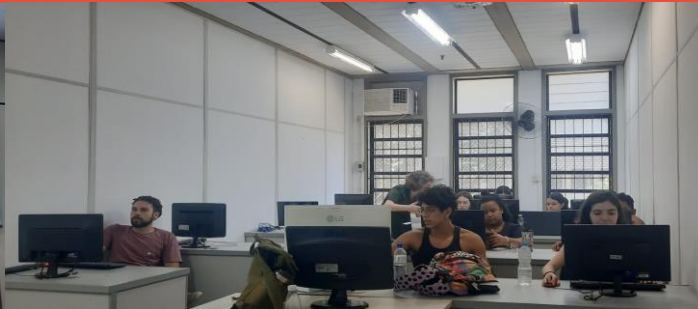
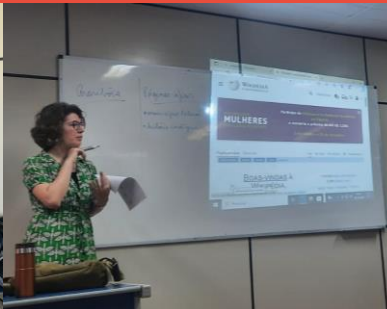
“Desvendar a história indígena é resgatar as raízes esquecidas, promovendo um encontro de saberes que transcende o tempo e enriquece a compreensão do nosso passado coletivo.”

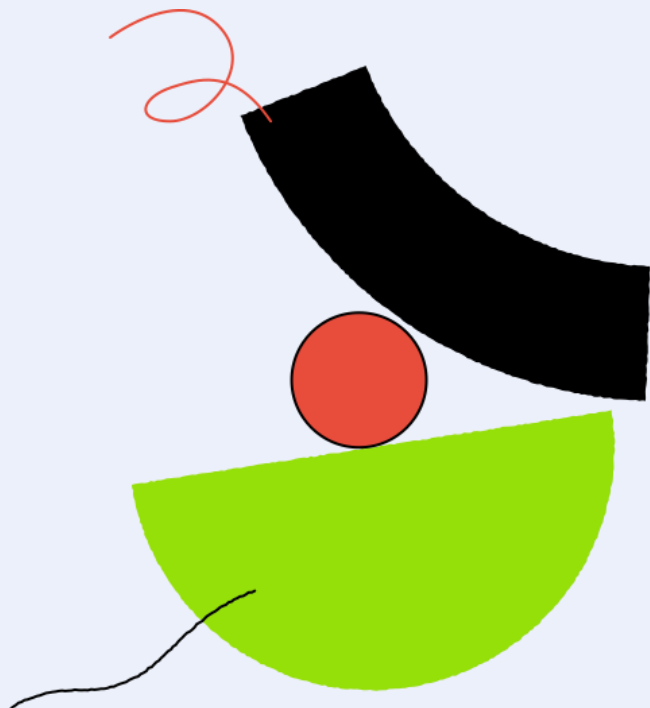
Autor Desconhecido



Introdução

- Nosso projeto foi aplicado na Universidade Federal Fluminense tendo como docente responsável Elisa Garcia também fundadora do Laboratório Mulheres Indígenas na Wikipédia.
- A elevada demanda pela instrumentalização da temática História Indígena fez com que todo este movimento fosse feito, a fim de expandir ainda mais o conhecimento produzido na academia.

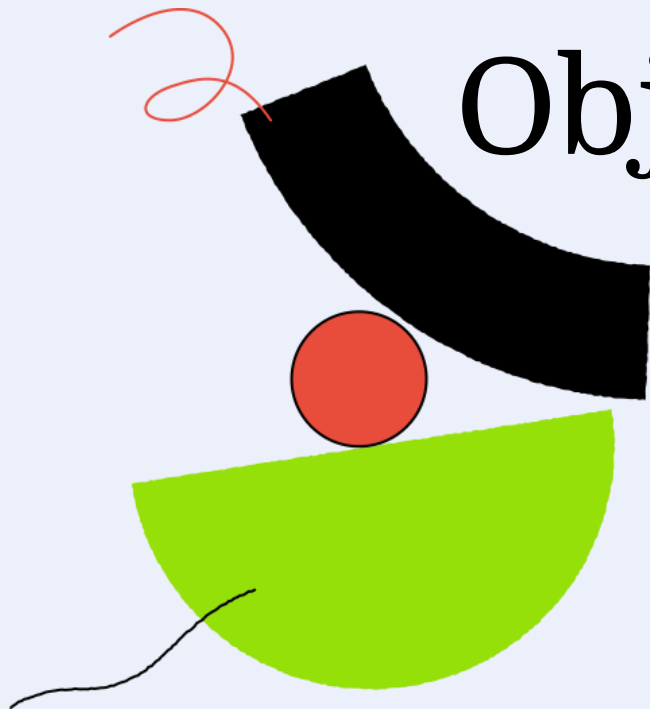




Objetivo Geral

Difundir ao grande público o conhecimento acadêmico trazendo uma linguagem acessível além de produzir conteúdo de qualidade para ser utilizado em sala de aula.

Objetivos específicos



- Editar verbetes relacionados a História Indígena;
 - Diversificar o uso das plataformas que a Wikipédia oferece;
- Produzir conteúdos didáticos para alunos e professores.

3. Metodologia

As atividades desenvolvidas para a construção do projeto foram:

- Aplicação do questionário
- Análise FOFA
- Análise Estruturada
- Análise de riscos

No CALIBRA, além de todo aprendizado técnico de edições na Wikipédia que o curso proporcionou, foi oferecido também a proposta de desenvolver algumas análises e metodologias de modo que ajudassem na implementação do projeto.

Aplicação do questionário



Ferramenta Educação

Modelo de diagnóstico dos interesses e recursos do professor

Identificação
Wikimedista responsável: Pollyana Feitosa
Nome do (a) professor (a): Elisa Garcia
Nome da instituição: Universidade Federal Fluminense
Local da instituição (cidade e estado): Rio de Janeiro
Curso/área de atuação: História
Área de interesse da atividade: Educação/História Indígena
Período em que pretende realizar a atividade: 2023.2

Público da atividade	Quantidade de participantes
<input checked="" type="checkbox"/> Discentes	Discentes: 44
<input type="checkbox"/> Docentes	Docentes: 1
<input type="checkbox"/> Discentes e docentes	Outros:
<input type="checkbox"/> Outros:	Total: 45

O primeiro passo foi aplicação de um **questionário** para a ferramenta de educação, neste questionário foi feito uma entrevista com a professora Elisa para que tivéssemos acesso a quais ferramentas a professora tinha familiaridade, e tinha como objetivo entender suas demandas para que lá na frente, caso ela desejasse poderíamos propor as plataformas para uso em sala de aula. Outro ponto fundamental deste questionário era fazer uma anamnese geral da estrutura que a instituição fornece aos estudantes, e se elas seriam suficientes para aplicação do projeto.

Análise Estruturada

O modelo de Análise Estruturada foi o que eu tive mais dificuldade, pois ela consistia em encontrar informações ou outros projetos que auxiliassem e servissem de referência no desenvolvimento do meu próprio projeto. A dificuldade se encontrava no fato de não ter conseguido achar outras instituições que tivessem objetivos parecidos com os nossos, e que nos ajudassem de fato. Mas acredito que, após a publicação deste relatório de atividades, outras instituições, sobretudo professores engajados com o mundo WIKI, poderão nos ter como exemplo de implementação de atividades.

Análise FOFA

Terceira análise feita no curso foi chamada por eles de Análise FOFA, que tinha por objetivo fornecer um diagnóstico, que investigue fatores internos e externos, identificando e constatando alguns pontos como:

- Andamento do projeto, o que estaria indo bem e deveria ser mantido;
- O que estaria indo mal e deveria melhorar;
- Onde encontrar soluções;
- Obstáculos no percurso;



Esta análise foi fundamental para que eu tivesse uma visão minuciosa do andamento do projeto.

Análise FOFA

FORÇAS	FATORES INTERNOS	FRAQUEZAS
<p>Quais são as fortalezas do meu projeto? Excelente engajamento dos alunos tanto com a temática indígena quanto ao uso da Wikipédia como ferramenta.</p> <p>O que ele oferece de diferencial em relação aos outros projetos que conheço? Grande aproveitamento das produções feitas em sala de aula sendo revertidas à comunidade tanto leitores comuns quanto professores que estejam a procura de materiais da temática indígena</p> <p>O que me causa segurança sobre o que estou planejando? Livre ação com relação aos alunos e propostas de atividade por ser bolsista da professora, conferindo livre agência na disciplina.</p> <p>O que eu faço bem? Clareza sobre as necessidades e interesses da professora e proatividade com relação às atividades.</p> <p>Quais são as minhas facilidades com este projeto? Estar aplicando as atividades no mesmo momento em que faço o curso do Calibra, ou seja, tenho acessória constantemente.</p> <p>O que me torna otimista sobre meu próprio processo? Engajamento da turma e entusiasmo da professora com relação aos projetos Wiki.</p>	<p>O que ainda precisa melhorar no meu projeto? Ter tempo disponível para se capacitar mais.</p> <p>Quais fatores de sucesso em outros projetos ainda faltam? Amplo apoio institucional.</p> <p>O que me causa insegurança sobre a proposta? Ter tempo hábil para desenvolver todas as atividades</p> <p>O que eu ainda não sei fazer? Editar de forma precisa no código-fonte.</p> <p>O que me torna pessimista em relação ao meu próprio processo? Inseguranças com relação as aulas que ao longo do período tiveram que ser canceladas por conta de fortes chuvas, guerras entre milícias e etc.</p>	
+	FATORES EXTERNOS	-
<p>De quais situações eu posso tomar vantagem para que meu projeto seja implementado? Ampla demanda pela temática indígena.</p> <p>Com quais pessoas eu posso buscar interlocução? Galera do Calibra</p> <p>Quais são as características da instituição e/ou professor(a) que me tornam otimista em relação ao projeto? Engajamento.</p> <p>Quais lacunas meu projeto pode preencher? Falta de difusão do conhecimento acadêmico.</p> <p>Quais recursos e fontes de financiamento eu posso acessar? Fundos rápidos da Fundação Wikimedia e Microfinanciamentos do Wiki Movimento Brasil</p> <p>Quais conhecimentos o calibra e colegas me oferece para o desenvolvimento do projeto? Além das experiências compartilhadas, os encontros promovem uma educação técnica de como utilizar da melhor forma a wiki e suas ferramentas.</p>	<p>Quais fatores externos ameaçam a implementação do meu projeto? A queda repentina de internet na instituição. Prazo curto para planejamento das atividades.</p> <p>O que não está ou poderá sair do meu controle? O que não depende de mim para acontecer? Engajamento pessoal dos alunos de darem continuidade ao projeto e edições mesmo que não estejam em uma disciplina que tem essas atividades como avaliação.</p>	



Análise de Riscos

Tipo de risco	Descrição	Consequências	Probabilidade	Impacto	Resultado	Medidas para prevenir ou mitigar riscos
					0,0	
	Faltou internet no laboratório de informática	Inacessibilidade da Wikipédia; Inacessibilidade de referências; Inviabilização da aula de edições	50%	5	2,5	Comprar e distribuir dados móveis para os participantes; Rotear dados do celular; Esperar alguns minutos para ver se a internet volta. Entrar em contato com os técnicos da universidade.
	O laboratório de informática está ocupado no dia da atividade	Pode inviabilizar o evento; Necessidade de utilizar celulares; Adiantamento da atividade; Urgência em encontrar outro local; Perda dos valores investidos no deslocamento; Perda dos alimentos comprados para a atividade; Incerteza sobre disponibilidade de recursos para outras datas	45%	4	1,8	Procurar outros espaços disponíveis; Avaliar possibilidade de esperar a sala ser desocupada; Realizar um passeio fotográfico; Utilizar uma apresentação de power point
	Os participantes de uma editatona entram em uma guerra de edições				0,0	
	Os artigos escritos pelos estudantes estão sendo eliminados pela comunidade	Frustração e desengajamento dos participantes; Diminuição da possibilidade de retenção de editores após a atividade; Número de verbetes abaixo da métrica combinada com o financeiro; Indisposição entre os participantes e a comunidade	80%	4	3,2	Avisar os participantes da possibilidade e explicar o contexto geral da notoriedade; Mostrar as experiências de outros grupos; Ensinar a utilizar a página de discussão; Explicar as dinâmicas de convivência da comunidade; Delimitar com antecedência os verbetes editados e as fontes utilizadas; Convidar wikimedistas experientes para a atividade; Fazer uma introdução sobre a spolítica da Wikipédia
					0,0	
	Chuva no momento do passeio fotográfico	Adiantamento da atividade; Perda do engajamento; Refazer pedidos de autorizações; Necessidade de comunicação com todos os participantes; Danificação de equipamentos	3%	4	0,1	Acompanhar no INPE a previsão do tempo com duas semanas de antecedência; Se necessário, remarcar a atividade com pelo menos 48h de antecedência; Realizar uma outra atividade em espaço coberto; Definir com antecedência outras datas nas quais os participantes estarão disponíveis
	Sol intenso no dia do passeio fotográfico	Insolação nos participantes; Pessoas podem passar mal; Aumento do tempo de atividade; Desengajamento ou desistência dos participantes	80%	4	3,2	Definir uma rota alternativa; Marcar a atividade para o início da manhã; Fazer a atividade em um parque com muitas árvores e sombra; Disponibilizar água para os participantes; Disponibilizar protetores solares; Pedir para as pessoas levarem protetor solar; Utilizar um guarda-sol; Colocar bonês nos brindes; Entregar squeezes com água gelada; Fazer um trajeto curto
	Professor do ensino básico não conseguiu alinhar suas aulas ao projeto	Cancelamento das atividades de oficina na escola	50%	1	0,5	Ter sempre atividades em standby para esses tipos de imprevisto e assim preencher as lacunas dos dias que seriam destinados às oficinas.
	Universidade entrou em greve ou algumas aulas foram suspensas	Cancelamento das atividades presenciais	50%	1	0,5	Partir para o modo online, importante no programa de curso já prever a possibilidades desses encontros serem feitos de modo assíncrono

A última análise, que eu considero a mais importante, é análise de riscos pois foi a partir dela que pensei na atividade na plataforma **Wikiquote** e **WikiLivros**. Esta avaliação tinha como base identificar os possíveis riscos das atividades, as suas consequências, probabilidades, impactos, resultado e medidas para prevenir ou mitigar os riscos.

Análise de Riscos

Tipo de risco	Descrição	Consequências	Probabilidade	Impacto	Resultado	Medidas para prevenir ou mitigar riscos
					0,0	
	Faltou internet no laboratório de informática	Inacessibilidade da Wikipédia; Inacessibilidade de referências; Inviabilização da aula de edições	50%	5	2,5	Comprar e distribuir dados móveis para os participantes; Rotear dados do celular; Esperar alguns minutos para ver se a internet volta. Entrar em contato com os técnicos da universidade.
	O laboratório de informática está ocupado no dia da atividade	Pode inviabilizar o evento; Necessidade de utilizar celulares; Adiantamento da atividade; Urgência em encontrar outro local; Perda dos valores investidos no deslocamento; Perda dos alimentos comprados para a atividade; Incerteza sobre disponibilidade de recursos para outras datas	45%	4	1,8	Procurar outros espaços disponíveis; Avaliar possibilidade de esperar a sala ser desocupada; Realizar um passeio fotográfico; Utilizar uma apresentação de power point
	Os participantes de uma editatona entram em uma guerra de edições				0,0	
	Os artigos escritos pelos estudantes estão sendo eliminados pela comunidade	Frustração e desengajamento dos participantes; Diminuição da possibilidade de retenção de editores após a atividade; Número de verbetes abaixo da métrica combinada com o financeiro; Indisposição entre os participantes e a comunidade	80%	4	3,2	Avisar os participantes da possibilidade e explicar o contexto geral da notoriedade; Mostrar as experiências de outros grupos; Ensinar a utilizar a página de discussão; Explicar as dinâmicas de convivência da comunidade; Delimitar com antecedência os verbetes editados e as fontes utilizadas; Convidar wikimedistas experientes para a atividade; Fazer uma introdução sobre a spolíticas da Wikipédia
					0,0	
	Chuva no momento do passeio fotográfico	Adiantamento da atividade; Perda do engajamento; Refazer pedidos de autorizações; Necessidade de comunicação com todos os participantes; Danificação de equipamentos	3%	4	0,1	Acompanhar no INPE a previsão do tempo com duas semanas de antecedência; Se necessário, remarcar a atividade com pelo menos 48h de antecedência; Realizar uma outra atividade em espaço coberto; Definir com antecedência outras datas nas quais os participantes estarão disponíveis
	Sol intenso no dia do passeio fotográfico	Insolação nos participantes; Pessoas podem passar mal; Aumento do tempo de atividade; Desengajamento ou desistência dos participantes	80%	4	3,2	Definir uma rota alternativa; Marcar a atividade para o início da manhã; Fazer a atividade em um parque com muitas árvores e sombra; Disponibilizar água para os participantes; Disponibilizar protetores solares; Pedir para as pessoas levarem protetor solar; Utilizar um guarda-sol; Colocar bonês nos brindes; Entregar squeezes com água gelada; Fazer um trajeto curto
	Professor do ensino básico não conseguiu alinhar suas aulas ao projeto	Cancelamento das atividades de oficina na escola	50%	1	0,5	Ter sempre atividades em standby para esses tipos de imprevisto e assim preencher as lacunas dos dias que seriam destinados às oficinas.
	Universidade entrou em greve ou algumas aulas foram suspensas	Cancelamento das atividades presenciais	50%	1	0,5	Partir para o modo online, importante no programa de curso já prever a possibilidades desses encontros serem feitos de modo assíncrono

A partir desta análise, eu já tinha em *Standby* algumas atividades que poderiam ser propostas caso a professora precisasse de outras tarefas para os grupos. A partir de uma demanda da professora, que me informou que havia um aluno que não tinha grupo eu propus e ideia de trabalhar com a plataforma **Wikiquote** que poderia ser facilmente desempenhada individualmente pelos alunos.

Análise de Riscos

Tipo de risco	Descrição	Consequências	Probabilidade	Impacto	Resultado	Medidas para prevenir ou mitigar riscos
					0,0	
	Faltou internet no laboratório de informática	Inacessibilidade da Wikipédia; Inacessibilidade de referências; Inviabilização da aula de edições	50%	5	2,5	Comprar e distribuir dados móveis para os participantes; Rotear dados do celular; Esperar alguns minutos para ver se a internet volta. Entrar em contato com os técnicos da universidade.
	O laboratório de informática está ocupado no dia da atividade	Pode inviabilizar o evento; Necessidade de utilizar celulares; Adiantamento da atividade; Urgência em encontrar outro local; Perda dos valores investidos no deslocamento; Perda dos alimentos comprados para a atividade; Incerteza sobre disponibilidade de recursos para outras datas	45%	4	1,8	Procurar outros espaços disponíveis; Avaliar possibilidade de esperar a sala ser desocupada; Realizar um passeio fotográfico; Utilizar uma apresentação de power point
	Os participantes de uma editatona entram em uma guerra de edições				0,0	
	Os artigos escritos pelos estudantes estão sendo eliminados pela comunidade	Frustração e desengajamento dos participantes; Diminuição da possibilidade de retenção de editores após a atividade; Número de verbetes abaixo da métrica combinada com o financeiro; Indisposição entre os participantes e a comunidade	80%	4	3,2	Avisar os participantes da possibilidade e explicar o contexto geral da notoriedade; Mostrar as experiências de outros grupos; Ensinar a utilizar a página de discussão; Explicar as dinâmicas de convivência da comunidade; Delimitar com antecedência os verbetes editados e as fontes utilizadas; Convidar wikimedistas experientes para a atividade; Fazer uma introdução sobre a spolíticas da Wikipédia
					0,0	
	Chuva no momento do passeio fotográfico	Adiantamento da atividade; Perda do engajamento; Refazer pedidos de autorizações; Necessidade de comunicação com todos os participantes; Danificação de equipamentos	3%	4	0,1	Acompanhar no INPE a previsão do tempo com duas semanas de antecedência; Se necessário, remarcar a atividade com pelo menos 48h de antecedência; Realizar uma outra atividade em espaço coberto; Definir com antecedência outras datas nas quais os participantes estarão disponíveis
	Sol intenso no dia do passeio fotográfico	Insolação nos participantes; Pessoas podem passar mal; Aumento do tempo de atividade; Desengajamento ou desistência dos participantes	80%	4	3,2	Definir uma rota alternativa; Marcar a atividade para o início da manhã; Fazer a atividade em um parque com muitas árvores e sombra; Disponibilizar água para os participantes; Disponibilizar protetores solares; Pedir para as pessoas levarem protetor solar; Utilizar um guarda-sol; Colocar bonês nos brindes; Entregar squeezes com água gelada; Fazer um trajeto curto
	Professor do ensino básico não conseguiu alinhar suas aulas ao projeto	Cancelamento das atividades de oficina na escola	50%	1	0,5	Ter sempre atividades em standby para esses tipos de imprevisto e assim preencher as lacunas dos dias que seriam destinados às oficinas.
	Universidade entrou em greve ou algumas aulas foram suspensas	Cancelamento das atividades presenciais	50%	1	0,5	Partir para o modo online, importante no programa de curso já prever a possibilidades desses encontros serem feitos de modo assíncrono

Através desta atividade criamos a página História Indígena que antes não existia na plataforma, e nela inserimos citações com base na nossa bibliografia do curso. Com esta ferramenta conseguiu difundir ainda mais o conhecimento produzido na área acadêmica proporcionando aos alunos uma excelente página para pesquisa sobre a temática indígena.

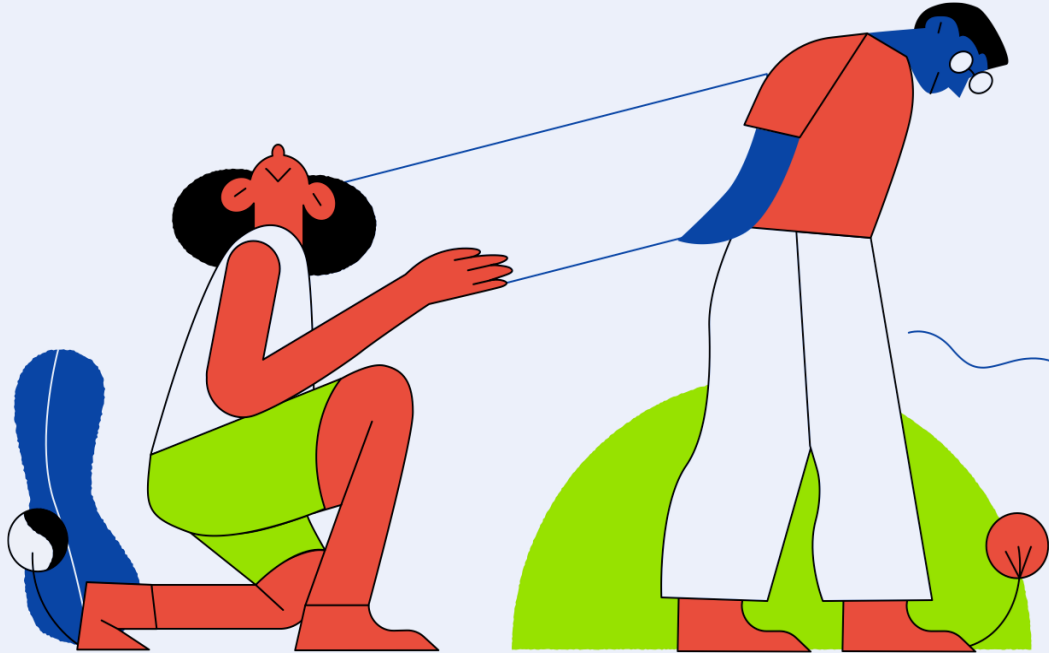
Análise de Riscos

Tipo de risco	Descrição	Consequências	Probabilidade	Impacto	Resultado	Medidas para prevenir ou mitigar riscos
					0,0	
	Faltou internet no laboratório de informática	Inacessibilidade da Wikipédia; Inacessibilidade de referências; Inviabilização da aula de edições	50%	5	2,5	Comprar e distribuir dados móveis para os participantes; Rotear dados do celular; Esperar alguns minutos para ver se a internet volta. Entrar em contato com os técnicos da universidade.
	O laboratório de informática está ocupado no dia da atividade	Pode inviabilizar o evento; Necessidade de utilizar celulares; Adiantamento da atividade; Urgência em encontrar outro local; Perda dos valores investidos no deslocamento; Perda dos alimentos comprados para a atividade; Incerteza sobre disponibilidade de recursos para outras datas	45%	4	1,8	Procurar outros espaços disponíveis; Avaliar possibilidade de esperar a sala ser desocupada; Realizar um passeio fotográfico; Utilizar uma apresentação de power point
	Os participantes de uma editatona entram em uma guerra de edições				0,0	
	Os artigos escritos pelos estudantes estão sendo eliminados pela comunidade	Frustração e desengajamento dos participantes; Diminuição da possibilidade de retenção de editores após a atividade; Número de verbetes abaixo da métrica combinada com o financeiro; Indisposição entre os participantes e a comunidade	80%	4	3,2	Avisar os participantes da possibilidade e explicar o contexto geral da notoriedade; Mostrar as experiências de outros grupos; Ensinar a utilizar a página de discussão; Explicar as dinâmicas de convivência da comunidade; Delimitar com antecedência os verbetes editados e as fontes utilizadas; Convidar wikimedistas experientes para a atividade; Fazer uma introdução sobre a spolítica da Wikipédia
					0,0	
	Chuva no momento do passeio fotográfico	Adiantamento da atividade; Perda do engajamento; Refazer pedidos de autorizações; Necessidade de comunicação com todos os participantes; Danificação de equipamentos	3%	4	0,1	Acompanhar no INPE a previsão do tempo com duas semanas de antecedência; Se necessário, remarcar a atividade com pelo menos 48h de antecedência; Realizar uma outra atividade em espaço coberto; Definir com antecedência outras datas nas quais os participantes estarão disponíveis
	Sol intenso no dia do passeio fotográfico	Insolação nos participantes; Pessoas podem passar mal; Aumento do tempo de atividade; Desengajamento ou desistência dos participantes	80%	4	3,2	Definir uma rota alternativa; Marcar a atividade para o início da manhã; Fazer a atividade em um parque com muitas árvores e sombra; Disponibilizar água para os participantes; Disponibilizar protetores solares; Pedir para as pessoas levarem protetor solar; Utilizar um guarda-sol; Colocar bonês nos brindes; Entregar squeezes com água gelada; Fazer um trajeto curto
	Professor do ensino básico não conseguiu alinhar suas aulas ao projeto	Cancelamento das atividades de oficina na escola	50%	1	0,5	Ter sempre atividades em standby para esses tipos de imprevisto e assim preencher as lacunas dos dias que seriam destinados às oficinas.
	Universidade entrou em greve ou algumas aulas foram suspensas	Cancelamento das atividades presenciais	50%	1	0,5	Partir para o modo online, importante no programa de curso já prever a possibilidades desses encontros serem feitos de modo assíncrono

A segunda atividade em *Standby* era a produção de Planos de Aula que poderiam ser inseridos na plataforma **WikiLivros**. Com o cancelamento das atividades das oficinas tivemos que aplicar outras atividades para compor a nota dos alunos. Por isso, implementamos a tarefa de dividir a turma em dois grandes grupos no qual um deles trabalharia com a produção de um plano de aula e o outro desenvolveria Vídeos Tutoriais de pesquisa na Wikipedia tendo como público-alvo alunos e professores.

calibra.

Plano de Ação



4. Plano de ação

- Buscar parceria de outros professores da Instituição;
- Buscar recursos como laboratórios para melhor aplicação das atividades de edição em conjunto.
- Buscar interlocução com wikimedistas experientes

5. Cronograma



Estratégia

Inicialmente foi proposto pela professora a ideia de dividirmos a turma de 44 alunos em 7 grupos para que os trabalhos e pesquisas fossem realizados de modo mais organizado. Estes grupos se dividiram em diversas temáticas relacionadas ao líder indígena Araribóia, então tivemos grupo que trabalharam com diversas temáticas como:

- Grupo Memória: Este grupo ficou responsável por se atentar às questões relacionadas à memória de Araribóia. Eles tinham como objetivo inicial buscar contato com o LABHOI para adquirir a liberação das imagens e documentos sobre a entrevista com os descendentes do líder, para que então essas informações constituíssem a página oficial. O grupo foi além, e conseguiram agregar pontos como o Monumento ao Índio Araribóia, uma estátua que fica em Vitória e adicionaram um tópico específico para tratar sobre Pedra da Onça, um dos principais pontos turísticos do bairro de freguesia na Ilha do Governador.
- Grupo Imagens: Este grupo teve como missão encontrar e inserir imagens na página oficial do Araribóia, e criar e melhorar legendas da página.
- Revisão Geral da Página: Um dos desafios que tivemos logo ao iniciar os trabalhos, foi que a página estava marcada com um selo que dizia que o artigo não tinha fontes suficientes para cobrir todos os textos. Logo, um dos objetivos do grupo era revisar não só o trabalho feito pelos colegas, mas também se atentar e pesquisar fontes para dar maior credibilidade a página.
- Contexto Histórico: Este grupo ficou com o propósito de criar um tópico específico sobre isso, tendo como base os conflitos iniciais da época, o estabelecimento das aldeias etc. Tudo com base na nossa bibliografia do curso.
- Revisão Biográfica: Ficaram responsáveis por melhorar a seção de biografia e conferiram fontes para cada parágrafo.
- Página da Igreja São Lourenço dos Índios: Criação da página da igreja, que antes não existia tendo como pontos cruciais a questão da história, memória e conservação, e os alunos teriam que revisar a página de São Lourenço.

Página Anterior

WIKICONCURSO MULHERES BRASILEIRAS NO ESPORTE

Participe do **Wikiconcurso Mulheres Brasileiras no Esporte** e concorra a prêmios de até **R\$ 2.500**.

2 de outubro a 30 de novembro

Arariboia

Conteúdo [ocultar]

Artigo Discusão

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

Conteúdo [ocultar]

Etimologia

Biografia

Descendentes de Arariboia

Vicente do Céu Soares de Souza

José Luiz de Arariboia Cardoso

Memória

Comissão Glorificadora a Martin Afonso Arariboia

Ver também

Referências

Ligações externas

Esta página cita fontes, mas que **não cobrem todo o conteúdo**. Ajude a inserir referências. Conteúdo não verificável pode ser removido.—Esboço:Teor: 2011 · CAPES · outra (R+L) (out 2016)

Nota: Para outros significados, veja *Arariboia (desambiguação)*.

Martin Afonso de Sousa, mais conhecido por seu nome indígena original **Arariboia** (Rio de Janeiro, data desconhecida – Niterói, 1589), foi um chefe do povo temimé, pertencente à etnia tupi, que habitava o litoral brasileiro no século XVI. Ficou conhecido na historiografia devido à sua aliança com portugueses, fundamental para a conquista da baía de Guanabara frente aos tamoios e franceses. em 1567. Como recompensa, recebeu da coroa portuguesa a propriedade de terras localizadas na entrada da baía de Guanabara. Ali foi estabelecida a aldeia de São Lourenço, que futuramente daria origem à cidade de Niterói, da qual é considerado o fundador.



Outros nomes	Martin Afonso de Souza
Nascimento	7 de Paranáçu (ilha do Governador • Rio de Janeiro)
Morte	1589 Niterói, no Brasil

Etimologia

"Arariboia" procede do tupi arãrãbôia, que designava a espécie de cobra conhecida na língua portuguesa como araraimoia.^[1]

Biografia

Em 1555, os temiméus que viviam na ilha de Paranáçu (atual ilha do Governador), foram expulsois de suas terras pelos seus tradicionais inimigos tamoios.^[1] Dentre eles estava Arariboia, que era filho do chefe Maracãçaguçu.^[1] Os temiméus então, a convite do governador Vasco Fernandes Coutinho, seguiram para a Capitania do Espírito Santo, aonde reorganizaram sua aldeia e foram catalogados pelos jesuítas.^[2]

Quando a Coroa de Portugal enviou ao Brasil o seu terceiro governador-geral, Mem de Sá,

Biografia

Em 1555, os temiméus que viviam na ilha de Paranáçu (atual ilha do Governador), foram expulsois de suas terras pelos seus tradicionais inimigos tamoios.^[1] Dentre eles estava Arariboia, que era filho do chefe Maracãçaguçu.^[1] Os temiméus então, a convite do governador Vasco Fernandes Coutinho, seguiram para a Capitania do Espírito Santo, aonde reorganizaram sua aldeia e foram catalogados pelos jesuítas.^[2]

Quando a Coroa de Portugal enviou ao Brasil o seu terceiro governador-geral, Mem de Sá, com um contingente de soldados bem armados para retomar a baía de São franceses, os portugueses estabeleceram aliança com Arariboia, que havia sucedido a seu pai como líder dos temiméus, conseguindo, desse modo, retirar os seus efetivos em cerca de 8 000 indígenas conhecedores do território e inimigos tradicionais dos tamoios, que ajudaram os portugueses a expulsar os franceses e a etnia indígena rival da Guanabara.^[1]

A Esquadra francesa se instalara na baía em 1555, ocupando a ilha de Seripe (a atual ilha de Világaignon), onde ergueram o Forte Coligny. Para se contrapor às forças portuguesas, o comandante dos franceses, Nicolas Durand de Villegaignon, firmou uma aliança com os índios tamoios, que se dispuseram em cerca de 70.000 homens naquele lado do litoral. O acordo impeliu que as forças enviadas de Salvador por Mem de Sá, governador geral do Brasil, em 1565, conseguissem uma vitória definitiva contra os franceses. Com a unidade da colônia crescia o perigo. Mem de Sá mandou vir do reino seu sobrinho Estácio de Sá e o incumbiu de adotar a mesma estratégia dos franceses, arremessando apoio indígena.

O confronto mais violento ocorreu em 20 de janeiro de 1567, em Urucumirim, no atual bairro da Glória, onde os franceses e tamoios estavam acampados. Galgando penhascos, Arariboia foi o primeiro a entrar no baluarte inimigo. Empunhava uma tocha, com a qual expulsoi o paiol de pólvora e abriu caminho para o ataque. Durante a luta, uma flecha envenenada raspiou o rosto de Estácio de Sá, que morreu posteriormente, vítima de infecção. Ao ataque, seguiu-se uma matança noturna, da qual as forças portuguesas e temiméus saíram vitoriosas.

Em episódio com contornos de lenda, Arariboia teria atrevesado as águas da baía a nado para liderar o assalto. O fato é que, com o seu apoio, a operação portuguesa contra os franceses foi coroada de sucesso, tendo os portugueses recuperado o controle sobre a baía de Guanabara. A partir daí, a cidade do Rio de Janeiro, que, entretimidos, havia sido fundada por Estácio de Sá em 1564 no sopé do morro Corcovado, teve assegurada sua sobrevivência. Após a derrota dos tamoios, como recompensa pelos seus feitos, Arariboia recebeu, da Coroa Portuguesa, primeiramente um terreno no atual bairro de São Cristóvão, que fica próximo à ilha do Governador. Posteriormente, em 1573, recebeu um terreno no outro lado da baía de Guanabara, onde teria a missão de proteger o outro lado da entrada da baía.

Tal terreno recebeu o nome de São Lourenço dos Índios, e posteriormente desenvolveu-se na atual cidade de Niterói (nome que, traduzido da língua tupi, quer dizer "ho vendabero ter" pela junção de "y", "no", "eté", "vendabero" e "nó", "no")^[16] como se norte abissal) converteu-se ao cristianismo e adotou o nome de Martin Afonso de Sousa, em homenagem ao homônimo navegador português, que comandou uma expedição portuguesa que tocou a Guanabara em 1530. Também o cacique Tibeciá, do planalto paulista, adotou o nome de Martin Afonso de Sousa.

Outros nomes	Martin Afonso de Souza
Nascimento	7 de Paranáçu (ilha do Governador • Rio de Janeiro)
Morte	1589 Niterói, no Brasil
Etnia	temiméu
Ocupação	líder temiméu
Religião	católica



Busto de Arariboia que anteriormente foi colocada na Praça Arariboia, em 1914. Foi realocado para a Praça Cel. Faria, de frente para a Igreja de São Lourenço dos Índios, em 1973.



"Posteriormente, em 1573, recebeu um terreno no outro lado da baía de Guanabara, onde teria a missão de proteger o outro lado da entrada da baía.

Tal terreno recebeu o nome de São Lourenço dos Índios, e posteriormente desenvolveu-se na atual cidade de Niterói (nome que, traduzido da língua tupi, quer dizer "ho vendabero ter" pela junção de "y", "no", "eté", "vendabero" e "nó", "no")^[16] como se norte abissal) converteu-se ao cristianismo e adotou o nome de Martin Afonso de Sousa, em homenagem ao homônimo navegador português, que comandou uma expedição portuguesa que tocou a Guanabara em 1530. Também o cacique Tibeciá, do planalto paulista, adotou o nome de Martin Afonso de Sousa.

Terminou os seus dias em conflito com o novo governador-geral da Repartição Sul do Estado do Brasil (com sede no Rio de Janeiro), Antônio Salema (1575-1577). Na cerimônia oficial de posse, tendo Arariboia se deslocado de Niterói até o Rio de Janeiro, sentiu-se ofendido as pernas. O fato veio a desagradar o governador, que o repreendeu. Arariboia rebelou tal repreensão retucando: "Minhas pernas estão cansadas de tanto lutar pelo seu Rei, por isto veio as cruzes ao sentar-me, se assim o incomodo, não mais virei aqui." O já idoso cacique voltou, então, para a serraquia de Niterói, não mais tendo retornado ao Rio de Janeiro.

A causa da morte de Arariboia é feita como incerta. Por muito tempo, acreditou-se que ele se afogara nas imediações da ilha de Ilhéuçuçú, em 1589. Essa versão passou a ser contestada, no entanto, após o pesquisador **Serailin Leite** encontrar uma carta jesuítica datada do mesmo ano, que informava que Arariboia falecera vítima de um epílogo, que

Descendentes de Arariboia

Vicente do Céu Soares de Souza

Mulher indígena descendente de Arariboia, casada com Domingos de Araújo. Doou as terras para a construção de uma capela em 1602, origem da atual Igreja de São Lourenço dos Índios.

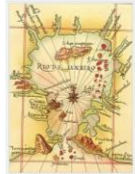
Domingos de Gusmão, localizanda em Niterói, na frente do Campus Gragoatá da Universidade Federal Fluminense.

José Luiz de Arariboia Cardoso

José Luis do Nascimento Cardoso fundou a **Comissão Glorificadora a Martin Afonso Arariboia** - também conhecida como **Devoção à São Lourenço**, sido presidente da Comissão. José Luiz se apresentou como sendo da 12ª geração de descendentes do chefe temiméu Arariboia, justificativa utilizada para ter passado a assinar nos trabalhos da Comissão como José Luis de Arariboia Cardoso.^[10] Foi arquivista e zelador da Igreja São Lourenço dos Índios, descrepimentando um papel fundamental na organização dos trabalhos da Comissão



Arariboia, guerreiro chefe da tribo dos temiméus. Concepção artística por Everson Gliga.



Domingos de Gusmão, localizanda em Niterói, na frente do Campus Gragoatá da Universidade Federal Fluminense.



Quando "A morte de Estácio de Sá" Antônio Faria, de 1911, Arariboia representado ao centro em traje de português.

Página Anterior

apresentou como sendo da 12ª geração de descendentes do chefe termininô Arariboia, justificativa utilizada para ter passado a assinar nos trabalhos da Comissão como José Luís de Arariboia Cardoso.^[6] Foi arquivista e zelador da Igreja São Lourenço dos Índios, desempenhando um papel fundamental na organização dos trabalhos da Comissão Glorificadora.^[7]

O feriado de 22 de novembro passou a ser "Dia de Arariboia" na cidade de Niterói a partir da reinvidicação de José Luís, tendo se tornado feriado oficial a partir de 1909. Desde 2021, a data não é mais considerada feriado municipal.^[8] Outra importante contribuição da Comissão a partir da proposição de José Luiz foi a Transferência da posse da Igreja de São Lourenço dos Índios para a municipalidade de Niterói conforme a Portaria Nº 476, de 13 de junho de 1934, quando José Luiz de Arariboia Cardoso passa a ocupar a posição de arquivista e zelador enquanto funcionário público municipal. Se hoje pensamos em Arariboia como fundador mitológico de Niterói, isso se dá tanto a figura de José Luiz, como dos trabalhos da Comissão Glorificadora, que foi dissolvida em 1915, ainda que não se saiba a razão.^[9]

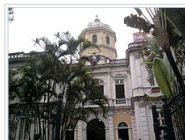


Quadro "A morte de Estácio de Sá" Antônio Parreiras, de 1911. Arariboia representado ao centro em trajes indígenas.



Memória

Considerado o fundador da cidade de Niterói, uma *estátua* sua, erguida em 1965, pode ser vista em uma *praça homônima* no *Centro* da cidade, em frente à estação das *barcas*. Com os olhos voltados para a *bacia* de Guanabara, protege a cidade de Niterói. A antiga sede da prefeitura municipal tem o nome de *Palácio Arariboia* em sua homenagem. Teria servido de inspiração ao escritor brasileiro *José de Alencar* (1829-1877) na confecção de sua obra *O Guarani* (1857).^[carece de fontes]



Palácio Arariboia, antiga sede da prefeitura de Niterói

Ao longo do tempo, a figura de Arariboia foi resgatada de diversas formas em torno da memória de Niterói. Em junho de 1847, foi inaugurado um *chafariz* com o nome *Martim Afonso* no antigo Largo do Mercado. Após transferências de local ao longo dos anos, o *chafariz* foi desmontado em 1953, e suas peças desapareceram. Houve tentativas posteriores de sua reconstrução, mas não foram bem sucedidas.^[10]

Arariboia por sua vez foi fundamental para a defesa da cidade do *Rio de Janeiro*, junto a *Estácio de Sá* durante um ataque às paliçadas aos pés do *Pão de Açúcar* e futuramente continuou a manter a segurança no local onde hoje se encontra a *Praça XV*. Dessa maneira, Arariboia é considerado então um dos fundadores do Rio de Janeiro, como citado pelo jornalista Rafael Freitas da Silva^[11], o que vai de acordo com a citação de *Fernão Cardim* no busto de Arariboia, em frente à Igreja São Lourenço dos Índios (Niterói), com as frases "Sem elle nunca se tomaria o Rio de Janeiro" e "Capitão Mor indio Martim Afonso de Souza O Ararygboia Fundador da Cidade do Rio de Janeiro 1507 1568 e Nictheroy 1525".

Comissão Glorificadora a Martim Afonso - Arariboia

A construção da figura de Arariboia como fundador de Niterói e representante da identidade brasileira levou à criação, na cidade, da Comissão Glorificadora a Martim Afonso - o Arariboia. Em 26 de junho de 1900, o vereador Olavo Guerra, membro da Comissão, apresentou um projeto para a pintura de um quadro representando Arariboia. O prefeito Leoni Ramos deliberou sua confecção em 1906

Praça XV. Dessa maneira, Arariboia é considerado então um dos fundadores do Rio de Janeiro, como citado pelo jornalista Rafael Freitas da Silva^[11], o que vai de acordo com a citação de *Fernão Cardim* no busto de Arariboia, em frente à Igreja São Lourenço dos Índios (Niterói), com as frases "Sem elle nunca se tomaria o Rio de Janeiro" e "Capitão Mor indio Martim Afonso de Souza O Ararygboia Fundador da Cidade do Rio de Janeiro 1507 1568 e Nictheroy 1525".

Comissão Glorificadora a Martim Afonso - Arariboia

A construção da figura de Arariboia como fundador de Niterói e representante da identidade brasileira levou à criação, na cidade, da Comissão Glorificadora a Martim Afonso - o Arariboia. Em 26 de junho de 1900, o vereador Olavo Guerra, membro da Comissão, apresentou um projeto para a pintura de um quadro representando Arariboia. O prefeito Leoni Ramos deliberou sua confecção em 1906, sendo o contrato formalizado apenas em 1907, sob a gestão de *João Pereira Ferraz*. A encomenda foi feita ao pintor *Antônio Parreiras*, pintor que nasceu em Niterói e representou muitas de suas paisagens.

As ideias de como Arariboia deveria ser representado pela pintura eram divergentes. Para a comissão e seus apoiadores, que buscavam fortalecer o sentimento de orgulho à população, ele deveria ser enaltecido como um herói local que lutou a favor dos interesses dos colonizadores e como um cristão estimado pelo próprio rei. Antônio Parreiras, por sua vez, possuía uma visão diferente: buscou representar Arariboia a partir de traços identitários nativos. No quadro *Fundação de Niterói* (1909), o líder é representado trajando uma pele de animal, sem trajes coloniais.

A posição de Parreiras não foi consensualmente aplaudida na época e, de comum acordo com alguns representantes do legislativo municipal, a Comissão Glorificadora não aceitou a expô-la no interior da Câmara Municipal, sendo disposta então no Salão Nobre da antiga Prefeitura, o chamado Palácio Arariboia. A obra continua no mesmo local (atual Secretaria da Fazenda de Niterói, atualmente no gabinete do Secretário da Fazenda do município).

Em 1911, na gestão do prefeito *Feliciano Sodré*, a Comissão demandou que Parreiras produzisse uma escultura que representasse Arariboia de forma mais ocidentalizada e devidamente condecorado com símbolos portugueses. Sua inauguração foi feita no dia 22 de novembro de 1912, em comemoração ao aniversário da cidade, com a execução do hino a Arariboia (hino oficial da cidade desde 1910) e a realização de uma missa na Igreja de São Lourenço dos Índios, cerimônias que fazem parte da tradição de celebração do aniversário da cidade. Depois da celebração foi servido um lanche na residência de José Luiz de Arariboia Cardoso. Na parte da tarde, foi feita uma "procissão cívica" que levou o busto do morro de São Lourenço até a antiga prefeitura, o Palácio Arariboia, em que foi colocado no Salão Nobre, mesmo local onde se encontrava o quadro de Antônio Parreiras. Após três anos, o busto foi transferido para a praça Martim Afonso/Arariboia, localizada entre o início da Rua da Conceição e, em 1955, foi reinaugurado no local onde se encontra até hoje: a praça em frente à Igreja de São Lourenço dos Índios.^[12]



Antônio Parreiras. Fundação de Niterói, 1909. Óleo sobre tela. 200 x 300 cm. Coleção da Prefeitura Municipal de Niterói. Palácio Arariboia, Niterói, RJ.

Ver também

- Invasões francesas no Brasil*
- Fort** Coligny

Referências

EDIÇÃO DA TURMA

Arariboia

↗ 2 línguas

Artigo **Discussão**

Ler **Editar** **Ver histórico** **Ferramentas**

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.



Esta página **cita fontes**, mas que **não cobrem** todo o conteúdo. Ajude a **inserir referências**. Conteúdo não verificável pode ser removido.—*Encontre fontes: ABW **·** CAPES **·** Google (N **·** L **·** A)* (Abril de 2019)

Nota: Para outros significados, veja *Arariboia (desambiguação)*.

Arariboia (lupi: *araryboia*, «*araramboia*^[2]»)? (**Rio de Janeiro**, data desconhecida – **Niterói**, 1589) foi um chefe do povo **temiminó**, pertencente à etnia **lupi**, que habitava o litoral **brasileiro** no **século XVI**. Ao ser batizado pelos **jesuítas**, recebeu o nome cristão de **Martim Afonso de Sousa**, em homenagem ao donatário da **Capitania de São Vicente**, **Martim Afonso de Sousa**.^[3]

Ficou conhecido na história devido à sua aliança com os portugueses, fundamental para a conquista da **baía de Guanabara** frente aos **tamoios** e franceses, em 1567. Como recompensa, recebeu da coroa portuguesa a propriedade de terras localizadas na entrada da baía de Guanabara. Ali foi estabelecida a **aldeia de São Lourenço**, que futuramente daria origem à cidade de **Niterói**, da qual é considerado o fundador.^[4]

Biografia

Filho do chefe **Maracajá-Guaçu**, principal chefe dos **temiminós**, Arariboia foi o líder dos temiminós em meio ao confronto de temiminós e portugueses contra tamoios e franceses pelo controle do litoral.^[4] Depois de seu grupo ser expulso do Rio de Janeiro pelos inimigos indígenas e se mudar para o Espírito Santo, fundou a região de Carapina com a aldeia de São João.^[5]

Ao retornar com seu grupo para tomar seu território de volta, juntamente com os portugueses. Ele foi o primeiro a entrar no baluarte inimigo no confronto de 20 de janeiro de 1567, em **Uruçumirim**, no atual **outeiro da Glória**. Empunhava uma tocha, com a qual explodiu o paiol de pólvora e abriu caminho para o ataque. Em um episódio com contornos de lenda, Arariboia teria atravessado as águas da baía a nado para liderar o assalto. O fato é que, com o seu apoio, a operação portuguesa contra os franceses foi um sucesso, tendo os portugueses obtido assim o controle sobre a baía de Guanabara.^[4]

Após a derrota dos **tamoios**, converteu-se ao cristianismo e adotou o nome de **Martim Afonso de Sousa**, em homenagem ao homônimo **navegador português**, que comandou uma exploração portuguesa que tocou a Guanabara em 1530. Como recompensa pelos seus feitos, foi agraciado com o título de nobreza do reino português como Cavaleiro da Ordem de Cristo^[6], além de receber terras da Coroa Portuguesa. Primeiramente recebeu um terreno no atual bairro de **São Cristóvão**, que fica próximo à ilha do governador. Essa localização foi indicada na Carta da Baía de Guanabara, do cartógrafo Luís Teixeira, como a Aldeia de Martinho.^[8] Posteriormente, em 1573, recebeu um terreno no outro lado da baía de Guanabara, onde teria a missão de proteger a entrada da baía. Tal **sesmaria** recebeu o nome de São Lourenço dos Índios. É apresentada por muitos como a origem da cidade de **Niterói**.^[8]

Segundo o padre jesuíta Gonçalo de Oliveira, ele se casou em 1570 na cidade do **Rio de Janeiro** com uma mulher indígena, referenciada pelos termos da época como **mameluca**, por ser filha de um português e uma indígena^[7]. Essa mulher, também seguindo o costume daquele período, não foi nomeada pelo padre. O casamento foi descrito com acontecimento memorável: uma festa com um banquete, em que Arariboia partiu de sua aldeia com seis grandes canoas, e foi acompanhada por portugueses e **temiminós**.^[7]

Terminou os seus dias em conflito com o novo governador-geral da Repartição Sul do **Estado do Brasil**, **Antônio Salema** (1575-1577). Na cerimônia oficial de posse, tendo Arariboia se deslocado de Niterói até o Rio de Janeiro,

Arariboia	
 <div>Estátua do Arariboia, na praça do mesmo nome, em frente à estação das Barcas, em Niterói. Inaugurada em 1973, substituindo o busto de Arariboia, ressignificando a representação do líder temiminó.</div>	
Outros nomes	Martim Afonso de Souza
Nascimento	? <div>Paranapuá, Rio de Janeiro, Brasil</div>
Morte	1589 <div>Niterói, rio do Brasil</div>
Etnia	temiminó
Progenitores	Pai: Maracajá-Guaçu ^[1]
Ocupação	líder temiminó
Religião	católica



Contexto histórico

Em 1556, os **temiminós** que viviam na ilha de Paranapuá (atual **Ilha do Governador**), foram expulsos de suas terras pelos seus tradicionais inimigos **tamoios**.^[3] Dentre eles, estava o Arariboia. Os temiminós então, a convite do governador **Vasco Fernandes Coutinho**, seguiram para a **Capitania do Espírito Santo**, onde reorganizaram sua aldeia e foram **catequizados** pelos **jesuítas**.^[3]

Do ponto de vista geopolítico, a baía de Guanabara era uma região estratégica. O domínio de Portugal sobre ela era essencial para o país controlar a rota rumo ao Oceano Índico, além de impedir possíveis interferências no tráfego das naus portuguesas que passavam pelo litoral brasileiro.^[10] No entanto, a esquadra francesa se instalara na baía em 1555, ocupando a ilha de Serigipe (a atual **ilha de Villegagnon**), onde ergueram o **Forte Coligny**.^[11] Para se contrapor às forças portuguesas, o comandante dos franceses, **Nicolas Durand de Villegagnon**, firmou uma aliança com os tamoios, que se dispuseram em cerca de 70.000 homens naquela faixa do litoral. O acordo impediu que as forças enviadas de **Salvador** por **Mem de Sá, governador-geral do Brasil**, em 1565, conseguissem uma vitória definitiva contra os franceses. Com a unidade da colônia correndo perigo, Mem de Sá mandou vir do reino seu sobrinho **Estácio de Sá** e o incumbiu de adotar a mesma estratégia dos franceses: arregimentar apoio indígena.

Quando a Coroa de **Portugal** enviou ao **Brasil** o seu terceiro **governador-geral**, **Mem de Sá**, com um contingente de soldados bem armados para retomar a baía de Guanabara dos franceses, os portugueses estabeleceram aliança com Arariboia, que havia sucedido a seu pai como líder dos **temiminós**. Nesse sentido, o conflito já existente entre as duas etnias indígenas (tamoios e temiminós) favoreceu aos interesses lusos, que precisavam de apoio para reconquistar a baía.^[10] Os lusitanos conseguiram, desse modo, reforçar os seus efetivos em cerca de 8.000 indígenas conhecedores do território e inimigos tradicionais dos tamoios, que os ajudaram a expulsar os **franceses** e a etnia indígena rival da Guanabara.^[4]

O confronto mais violento ocorreu em 20 de janeiro de 1567, em **Uruçumirim**, no atual **outeiro da Glória**, onde os franceses e tamoios estavam aqarteelados. Durante a luta, uma flecha envenenada raspol o rosto de Estácio de Sá, que morreu posteriormente, vítima de infecção. Ao ataque, seguiu-se uma matança noturna, da qual as forças portuguesas e temiminós saíram vitoriosas. A partir daí, a cidade do Rio de Janeiro, que, entretimes, havia sido fundada por Estácio de Sá em 1565 no sopé do **morro Cora de Cão**, teve assegurada sua sobrevivência.^[10]

Nesse mesmo período, a monarquia portuguesa passou a conceder benefícios aos indígenas que contribuíram para a realização dos seus objetivos, como foi o caso de Arariboia^[12]. Tendo vivido nas fases iniciais da colonização portuguesa no Brasil, na segunda metade do século XVI, Arariboia teve um papel crítico para a vitória lusitana na luta pelo controle da Baía de Guanabara, frente a oposição dos tamoios e seus aliados franceses. Por ter sido um importante personagem no estabelecimento do domínio português sobre o atual território do estado do Rio de Janeiro, teve sua contribuição recompensada com a concessão de hábitos e comendas das ordens militares, também recebeu o título de capitão-mor de sua aldeia e sesmaria na margem oposta à cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.^[12] Tal **sesmaria** recebeu o nome de São Lourenço dos Índios, e posteriormente desenvolveu-se na atual cidade de **Niterói**.

Arariboia e outros indígenas, como **Felipe Camarão** — líder tupiguara que participou da expulsão dos holandeses do nordeste do Brasil em meados do século XVII — foram decisivos para conquistas portuguesas no território brasileiro.^[13] Para os indígenas, a relação com os europeus não visava somente a concessão de benefícios. Em muitos casos, eles buscavam estabelecer as relações com objetivo de conquistar aliados para somar o seu contingente no combate contra seus inimigos.^[13] No caso de Arariboia, a aliança era vantajosa tanto para os **temiminós** quanto para os portugueses, que mantiveram relações com a família Souza por mais de meio século.^[12]



o *Leopardus wiedii* também conhecido como "Gato-maracajá" é uma espécie nativa da América Central e da América do Sul, vive em florestas perenes e decíduas. Os temiminós eram chamados de "índios do gato" em referência ao gato-maracajá, se tornando posteriormente uma informação topográfica.



Mapa intitulado "Carta da baía de Guanabara" do cartógrafo português Luís Teixeira, c. 1574-1576. A iconografia faz parte do manuscrito "Roteiro de Todos os Sinais" localizado na Biblioteca da Ajuda em Lisboa, Portugal. A atual ilha da Guanabara é identificada como "Ilha do Gato", em referência ao líder temiminó.



Quadro "A morte de Estácio de Sá" Antônio Paineiras, de 1911. Arariboia

EDIÇÃO DA TURMA

Descendentes

representado ao centro em trajes indígenas.

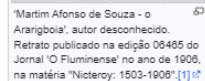
Dentre seus descendentes, estavam:

Violante do Céu Soares de Souza

Violante do Céu Soares de Souza foi uma mulher indígena descendente de Arariboia, casada com Domingos de Araújo.^[14] Douo as terras para a construção de uma capela em 1652, origem da atual **Igreja de São Domingos de Gusmão**, localizada em Niterói, na frente do Campus Gragoatá da **Universidade Federal Fluminense**.^[15]

José Luiz de Arariboia Cardoso

José Luís do Nascimento Cardoso fundou a **Comissão Glorificadora à Martim Afonso Arariboia** - também referida como **Devoção à São Lourenço**, sido presidente da Comissão. José Luiz se apresentou como sendo da 12ª geração de descendentes do chefe temiminó Arariboia, justificativa utilizada para ter passado a assinar nos trabalhos da Comissão como José Luís de Arariboia Cardoso.^[16] Foi arquivista e zelador da **Igreja de São Lourenço dos Índios**, desempenhando um papel fundamental na organização dos trabalhos da Comissão Glorificadora.^[17]



'Martim Afonso de Souza - o Arariboia', autor desconhecido. Retrato publicado na edição 06405 do Jornal 'O Fluminense' no ano de 1908, na matéria "Niterói: 1503-1908". [1]

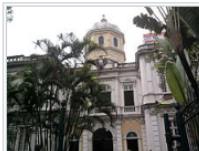
O feriado de 22 de novembro passou a ser "Dia de Arariboia" na cidade de Niterói a partir da reivindicação de José Luís, tendo se tomado feriado oficial a partir de 1909. Desde 2021, a data não é mais considerada feriado municipal.^[18] Outra importante contribuição da Comissão a partir da proposição de José Luiz foi a Transferência da posse da Igreja de São Lourenço dos Índios para a municipalidade de Niterói conforme a Portaria Nº 476, de 13 de junho de 1934, quando José Luiz de Arariboia Cardoso passa a ocupar a posição de arquivista e zelador enquanto funcionário público municipal. Se hoje pensamos em Arariboia como fundador mítológico de Niterói, isso se dá tanto a figura de José Luiz, como dos trabalhos da Comissão Glorificadora, que foi dissolvida em 1915, ainda que não se saiba a razão.^[19]

Memória

Considerado o fundador da cidade de **Niterói**, uma **estátua** sua, erguida em 1965, pode ser vista em uma **praça homônima** no **Centro** da cidade, em frente à estação das **barcas**. Com os olhos voltados para a **baía de Guanabara**, protege a cidade de Niterói. A antiga sede da prefeitura municipal tem o nome de **Palácio Arariboia** em sua homenagem. Em 2021, foi criada a **Moeda Social Arariboia**, um programa de redistribuição de renda para as famílias mais carentes da cidade.^[20]

Arariboia também foi fundamental para a defesa da cidade do **Rio de Janeiro**, junto a **Estácio de Sá** durante um ataque as palçadas aos pés do **Pão de Açúcar** e futuramente continuou a manter a segurança no local onde hoje se encontra a **Praça XV**. Arariboia é considerado então um dos fundadores do Rio de Janeiro, como citado pelo jornalista Rafael Freitas da Silva,^[21] o que vai de acordo com a citação de **Fernão Cardim** no busto de Arariboia, em frente à Igreja São Lourenço dos Índios (**Niterói**), com as frases "Sem elle nunca se tomaria o Rio de Janeiro" e "Capitão Mor índio Martim Afonso de Souza O Ararygboia Fundador da Cidade do Rio de Janeiro 1507 1568 e Nitheroy 1525".

Ao longo do tempo, a figura de Arariboia foi resgatada de diversas formas em torno da memória de Niterói. A origem da cidade remonta à concessão de terras ao líder temiminó Arariboia para a defesa das invasões francesas. A aldeia teve sua posse solene em 1573, quando recebeu a denominação de São Lourenço dos Índios. Apenas em 1819 passa a ser chamada de "Nitheroy", água escondida em tupi-guarani.^[22] Em junho de 1847, foi inaugurado um chafariz com o nome Martim Afonso no antigo Largo do Mercado. Após transferências de local ao longo dos anos, o chafariz foi desmontado em 1953, e suas peças as posteriores de sua reconstrução, mas não foram bem sucedidas.^[23]



Palácio Arariboia, antiga sede da prefeitura de Niterói, inaugurado em 1910. Na década de 1960, o prédio foi tombado pela Prefeitura de Niterói e passou a abrigar a Secretaria Municipal de Fazenda e outros órgãos públicos municipais, passando por restaurações.

Comissão Glorificadora a Martim Afonso - Arariboia

A construção da figura de Arariboia como fundador de Niterói e representante da identidade brasileira levou à criação, na cidade, da Comissão Glorificadora a Martim Afonso - sendo esse o nome que deram ao mesmo. Em 26 de junho de 1900, o vereador Olavo Guerra, membro da Comissão, apresentou um projeto para a pintura de um quadro representando Arariboia. O prefeito Leoni Ramos deliberou sua confecção em 1906, sendo o contrato formalizado apenas em 1907, sob a gestão de **João Pereira Ferraz**. A encomenda foi feita ao pintor **Antônio Parreiras**, pintor que nasceu em Niterói e representou muitas de suas paisagens.^[24]

As ideias de como ele deveria ser representado pela pintura eram divergentes. Para a comissão e seus apoiadores, que buscavam fortalecer o sentimento de orgulho à população, deveria ser enaltecido como um herói local que lutou a favor dos interesses dos colonizadores e como um cristão estimado pelo próprio rei. **Antônio Parreiras**, por sua vez, possuía uma visão diferente: buscou representar Arariboia a partir de traços identitários nativos. No quadro *Fundação de Niterói* (1909), o líder é representado trajando uma pele de animal, sem trajes tidos como coloniais.^[24]

A posição de Parreiras não foi consensualmente aplaudida na época e, de comum acordo com alguns representantes do legislativo municipal, a Comissão Glorificadora não aceitou a expô-la no interior da Câmara Municipal, sendo disposta então no Salão Nobre da antiga Prefeitura, o chamado Palácio Arariboia. A obra continua no mesmo local (atual Secretaria da Fazenda de Niterói, atualmente no gabinete do Secretário da Fazenda do município).^[24]

Em 1911, na gestão do prefeito **Feliciano Sodré**, a Comissão demandou que Parreiras produzisse uma escultura que representasse Arariboia de forma mais ocidentalizada e devidamente condecorado com símbolos portugueses. Sua inauguração foi feita no dia 22 de novembro de 1912, em comemoração ao aniversário da cidade, com a execução do hino a Arariboia (hino oficial da cidade desde 1910) e a realização de uma missa na Igreja de São Lourenço dos Índios, cerimônias que fazem parte da tradição de celebração do aniversário da cidade. Depois da celebração foi servido um lanche na residência de José Luiz de Arariboia Cardoso. Na parte da tarde, foi feita uma "procissão cívica" que levou o busto do morro de São Lourenço até a antiga prefeitura, o Palácio Arariboia, em que foi colocado no Salão Nobre, mesmo local onde se encontrava o quadro de Antônio Parreiras. Após três anos, o busto foi transferido para a **praça Martim Afonso/Arariboia** e, em 1955, foi reinaugurado no local onde se encontra até hoje: a praça em frente à Igreja de São Lourenço dos Índios.^[24]

Monumento ao Índio Arariboia (Vitória, ES)

A estátua de Arariboia em Vitória, Espírito Santo, foi construída em bronze no começo da década de 1950, pelo escultor Carlo Crepaz, por encomenda da prefeitura da cidade. Apesar de, atualmente, ser uma das representações de Arariboia, originalmente a estátua representaria os indígenas de modo geral, sendo intitulada "O Índio", mas seu simbolismo foi alterado pela vontade popular, passando a ser apelidada de "O Índio Arariboia".^[25]

Durante a construção da Avenida Marechal Mascarenhas de Moraes (Beira-Mar), em 1963, o monumento foi retirado e guardado em um depósito. Esse movimento inspirou, na época, uma popular marchinha de carnaval, de Júlio Alvarenga - "Bota o Índio no Lugar": "Bota o índio no lugar/ele quer tomar banho de mar /Bota o índio no lugar/ ele é da Avenida Beira - Mar/Era Arariboia/ ele quer voltar prá lá/ Doutor, por favor/ Bota o índio no lugar". O sucesso da marchinha e a pressão popular levaram o governo a devolver a estátua de Arariboia para seu lugar, ainda em 1963, pelo processo nº 904/63.^[26]

Durante as décadas seguintes, a estátua de Arariboia foi movida para diversos outros locais na cidade, tendo sido colocada em seu atual local, no Clube Saldanha da Gama, em 2014, após receber uma revitalização. Apesar de diversos cuidados, o monumento foi vandalizado e, atualmente, está sem o seu arco, devido a furtos.^[25]



Antônio Parreiras. Fundação de Niterói, 1909. Óleo sobre tela. 200 x 300 cm. Coleção da Prefeitura Municipal de Niterói. Palácio Arariboia, Niterói, RJ.

EDIÇÃO DA TURMA

Descendentes

representado ao centro em trajes indígenas.

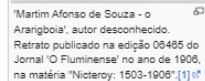
Dentre seus descendentes, estavam:

Violante do Céu Soares de Souza

Violante do Céu Soares de Souza foi uma mulher indígena descendente de Arariboia, casada com Domingos de Araújo.^[14] Doua as terras para a construção de uma capela em 1652, origem da atual **Igreja de São Domingos de Gusmão**, localizada em Niterói, na frente do Campus Gragoatá da **Universidade Federal Fluminense**.^[15]

José Luiz de Arariboia Cardoso

José Luís do Nascimento Cardoso fundou a **Comissão Glorificadora à Martim Afonso Arariboia** - também referida como **Devoção à São Lourenço**, sido presidente da Comissão. José Luiz se apresentou como sendo da 12ª geração de descendentes do chefe temiminó Arariboia, justificativa utilizada para ter passado a assinar nos trabalhos da Comissão como José Luís de Arariboia Cardoso.^[16] Foi arquivista e zelador da **Igreja de São Lourenço dos Índios**, desempenhando um papel fundamental na organização dos trabalhos da Comissão Glorificadora.^[17]



'Martim Afonso de Souza - o Arariboia', autor desconhecido. Retrato publicado na edição 06465 do Jornal 'O Fluminense' no ano de 1908, na matéria "Niterói: 1503-1908". [1]

O feriado de 22 de novembro passou a ser "Dia de Arariboia" na cidade de Niterói a partir da reivindicação de José Luís, tendo se tomado feriado oficial a partir de 1909. Desde 2021, a data não é mais considerada feriado municipal.^[18] Outra importante contribuição da Comissão a partir da proposição de José Luiz foi a Transferência da posse da Igreja de São Lourenço dos Índios para a municipalidade de Niterói conforme a Portaria Nº 476, de 13 de junho de 1934, quando José Luiz de Arariboia Cardoso passa a ocupar a posição de arquivista e zelador enquanto funcionário público municipal. Se hoje pensamos em Arariboia como fundador mítológico de Niterói, isso se dá tanto a figura de José Luiz, como dos trabalhos da Comissão Glorificadora, que foi dissolvida em 1915, ainda que não se saiba a razão.^[19]

Memória

Considerado o fundador da cidade de **Niterói**, uma **estátua** sua, erguida em 1965, pode ser vista em uma **praça homônima** no **Centro** da cidade, em frente à estação das **barcas**. Com os olhos voltados para a **baía de Guanabara**, protege a cidade de Niterói. A antiga sede da prefeitura municipal tem o nome de **Palácio Arariboia** em sua homenagem. Em 2021, foi criada a **Moeda Social Arariboia**, um programa de redistribuição de renda para as famílias mais carentes da cidade.^[20]

Arariboia também foi fundamental para a defesa da cidade do **Rio de Janeiro**, junto a **Estácio de Sá** durante um ataque as palçadas aos pés do **Pão de Açúcar** e futuramente continuou a manter a segurança no local onde hoje se encontra a **Praça XV**. Arariboia é considerado então um dos fundadores do Rio de Janeiro, como citado pelo jornalista Rafael Freitas da Silva,^[21] o que vai de acordo com a citação de **Fernão Cardim** no busto de Arariboia, em frente à Igreja São Lourenço dos Índios (**Niterói**), com as frases "Sem elle nunca se tomaria o Rio de Janeiro" e "Capitão Mor índio Martim Afonso de Souza O Ararygboia Fundador da Cidade do Rio de Janeiro 1507 1568 e Nitheroy 1525".

Ao longo do tempo, a figura de Arariboia foi resgatada de diversas formas em torno da memória de Niterói. A origem da cidade remonta à concessão de terras ao líder temiminó Arariboia para a defesa das invasões francesas. A aldeia teve sua posse solene em 1573, quando recebeu a denominação de São Lourenço dos Índios. Apenas em 1819 passa a ser chamada de "Nitheroy", água escondida em tupi-guarani.^[22] Em junho de 1847, foi inaugurado um chafariz com o nome Martim Afonso no antigo Largo do Mercado. Após transferências de local ao longo dos anos, o chafariz foi desmontado em 1953, e suas peças as posteriores de sua reconstrução, mas não foram bem sucedidas.^[23]



Palácio Arariboia, antiga sede da prefeitura de Niterói, inaugurado em 1910. Na década de 1960, o prédio foi tombado pela Prefeitura de Niterói e passou a abrigar a Secretaria Municipal de Fazenda e outros órgãos públicos municipais, passando por restaurações.

Comissão Glorificadora a Martim Afonso - Arariboia

A construção da figura de Arariboia como fundador de Niterói e representante da identidade brasileira levou à criação, na cidade, da Comissão Glorificadora a Martim Afonso - sendo esse o nome que deram ao mesmo. Em 26 de junho de 1900, o vereador Olavo Guerra, membro da Comissão, apresentou um projeto para a pintura de um quadro representando Arariboia. O prefeito Leoni Ramos deliberou sua confecção em 1906, sendo o contrato formalizado apenas em 1907, sob a gestão de **João Pereira Ferraz**. A encomenda foi feita ao pintor **Antônio Parreiras**, pintor que nasceu em Niterói e representou muitas de suas paisagens.^[24]

As ideias de como ele deveria ser representado pela pintura eram divergentes. Para a comissão e seus apoiadores, que buscavam fortalecer o sentimento de orgulho à população, deveria ser enaltecido como um herói local que lutou a favor dos interesses dos colonizadores e como um cristão estimado pelo próprio rei. **Antônio Parreiras**, por sua vez, possuía uma visão diferente: buscou representar Arariboia a partir de traços identitários nativos. No quadro *Fundação de Niterói* (1909), o líder é representado trajando uma pele de animal, sem trajes tidos como coloniais.^[24]

A posição de Parreiras não foi consensualmente aplaudida na época e, de comum acordo com alguns representantes do legislativo municipal, a Comissão Glorificadora não aceitou a expô-la no interior da Câmara Municipal, sendo disposta então no Salão Nobre da antiga Prefeitura, o chamado Palácio Arariboia. A obra continua no mesmo local (atual Secretaria da Fazenda de Niterói, atualmente no gabinete do Secretário da Fazenda do município).^[24]

Em 1911, na gestão do prefeito **Feliciano Sodré**, a Comissão demandou que Parreiras produzisse uma escultura que representasse Arariboia de forma mais ocidentalizada e devidamente condecorado com símbolos portugueses. Sua inauguração foi feita no dia 22 de novembro de 1912, em comemoração ao aniversário da cidade, com a execução do hino a Arariboia (hino oficial da cidade desde 1910) e a realização de uma missa na Igreja de São Lourenço dos Índios, cerimônias que fazem parte da tradição de celebração do aniversário da cidade. Depois da celebração foi servido um lanche na residência de José Luiz de Arariboia Cardoso. Na parte da tarde, foi feita uma "procissão cívica" que levou o busto do morro de São Lourenço até a antiga prefeitura, o Palácio Arariboia, em que foi colocado no Salão Nobre, mesmo local onde se encontrava o quadro de Antônio Parreiras. Após três anos, o busto foi transferido para a **praça Martim Afonso/Arariboia** e, em 1955, foi reinaugurado no local onde se encontra até hoje: a praça em frente à Igreja de São Lourenço dos Índios.^[24]

Monumento ao Índio Arariboia (Vitória, ES)

A estátua de Arariboia em Vitória, Espírito Santo, foi construída em bronze no começo da década de 1950, pelo escultor Carlo Crepaz, por encomenda da prefeitura da cidade. Apesar de, atualmente, ser uma das representações de Arariboia, originalmente a estátua representaria os indígenas de modo geral, sendo intitulada "O Índio", mas seu simbolismo foi alterado pela vontade popular, passando a ser apelidada de "O Índio Arariboia".^[25]

Durante a construção da Avenida Marechal Mascarenhas de Moraes (Beira-Mar), em 1963, o monumento foi retirado e guardado em um depósito. Esse movimento inspirou, na época, uma popular marchinha de carnaval, de Júlio Alvarenga - "Bota o Índio no Lugar": "Bota o índio no lugar/ele quer tomar banho de mar /Bota o índio no lugar/ ele é da Avenida Beira - Mar/Era Arariboia/ ele quer voltar prá lá/ Doutor, por favor/ Bota o índio no lugar". O sucesso da marchinha e a pressão popular levaram o governo a devolver a estátua de Arariboia para seu lugar, ainda em 1963, pelo processo nº 904/63.^[26]

Durante as décadas seguintes, a estátua de Arariboia foi movida para diversos outros locais na cidade, tendo sido colocada em seu atual local, no Clube Saldanha da Gama, em 2014, após receber uma revitalização. Apesar de diversos cuidados, o monumento foi vandalizado e, atualmente, está sem o seu arco, devido a furtos.^[25]



Antônio Parreiras. Fundação de Niterói, 1909. Óleo sobre tela. 200 x 300 cm. Coleção da Prefeitura Municipal de Niterói. Palácio Arariboia, Niterói, RJ.

EDIÇÃO DA TURMA

Pedra da Onça

A **Pedra da Onça** (também chamada de Pedra dos Amores), é um dos principais pontos turísticos do bairro da freguesia, na Ilha do Governador, na cidade do Rio de Janeiro, localizada na **Praia de Guanabara**, também conhecida como Praia da Freguesia ou do Bananal. A escultura que se ergue sobre a então chamada **Pedra dos amores**, fundada em 1937, representa um **gato maracajá**, espécie de gato selvagem que habitava a ilha. Na verdade, a espécie era muito comum na América Latina, habitando diversos países desde o México ao norte da Argentina (Caetano, et. al. 2021). A ilha do governador chegou a ser chamada de "ilha do gato", pela expressão da habitação desses animais. Os nativos da ilha, da etnia Temiminó, eram popularmente chamados também de "maracajás".^[26]

A primeira versão do gato de pedra tem sua autoria controversa, já que alguns indícios a atribuem a João Zaco Paraná, outros ao artista plástico Galdino Gultman Bicho. De qualquer forma, foi uma iniciativa dos próprios moradores locais. Porém, anos de deterioração fizeram com que os moradores se reorganizassem para substituí-la. A nova estrutura foi feita por Miguel Pastor, em 1965, a partir de quando passou a ser chamada "Pedra da Onça", pela grande proximidade da aparência dessa espécie, o gato Maracajá, com uma onça, especialmente por sua pelagem pintada.^[26]

A Pedra da Onça guarda uma história mitológica com várias interpretações de uma mesma lenda, que gira em torno de uma jovem Temiminó e seu gato de estimação. Nas três versões mais populares, o cerne da narrativa é o gato que morre esperando o retorno de sua companheira do mar, que nunca acontece.^[26]

A primeira versão diz que a jovem e o gato iam todos os dias para a praia para que ela se banhasse, enquanto ele a aguardava na pedra. Nesse dia, porém, ela não regressou, e ele permaneceu ali, aguardando a sua volta, até que morresse de fome e tristeza. Noutra versão, estariam eles acompanhados do pai dela, que ia pescar enquanto eles aguardavam na praia. Nessa narrativa, a menina teria ido procurar o pai, que não estava retornando, e acabou não voltando também. Por fim, a terceira versão é bem parecida com essa, mas quem os acompanhava, e que havia sumido, seria o seu esposo. Em todas essas versões, os nativos teriam encontrado o corpo do gato e, ao dar por falta de viver, deduziram a causa da sua morte.^[26]

Há ainda uma quarta versão que não tem como personagem um gato maracajá, mas propriamente um tigre. Nessa lenda, a protagonista é Inaé, uma das protetoras da ilha e do povo Temiminó, que tinha como companheiro um **tigre dente-de-sabre**. Esta lenda trás um pouco mais de mística, visto que o animal em questão era já uma espécie extinta, que foi encontrado por ela em uma viagem que fez por um portal no rio, aí passado, encontrando espécies gigantes e desconhecidas. Ao voltar para o presente, Inaé traz o tigre que salvou do afogamento, nomeado Baipu, cuja espécie ninguém na ilha conhecia, mas que havia criado um imenso carinho por ela.^[26]

Reconhecendo o valor tanto artístico, como cultural e histórico, foram feitas duas propostas para o tombamento junto à câmara municipal do Rio de Janeiro: o projeto 1418 de 2015 e 381, de 2017. Há uma preocupação muito grande em fazer com que o tombamento seja feito o quanto antes e, junto a ele, uma restauração adequada da estátua, já que, assim como ocorreu com a primeira, há o risco de ela se deteriorar. Junto a isso, há uma problemática da descaracterização do monumento por restaurações voluntárias que não sigam os padrões, como foi feita voluntariamente por um morador em 2019. Além da restauração, mostram também preocupação com as pichações nas bases das pedras, além da segurança do espaço durante a noite.^[26]

Lendas como as que contam a história da pedra da onça se tornaram palco de amplas pesquisas acadêmicas, onde surge o conceito de "**geomitologia**", cunhado por Dorothy Vitaliano, que seria a "ciência que se dedica ao estudo da origem dos mitos mediante eventos geológicos, convertendo mitologia de volta em história."^[26] A UNIRIO vem desenvolvendo dois projetos nesse sentido para a cidade do Rio de Janeiro, que englobam pesquisar e ações sobre a pedra da onça: o GeoTales, grupo de performances artísticas, e o grupo de pesquisa "Geomitologia, geopolítica e paleontologia cultural: interfaces entre a geopoética e as artes", ambos girando em torno dessa proposta de analisar fatores sociais, geográficos, históricos, através dos mitos e das lendas.^[26]



Estátua da Pedra da Onça, localizada na Ilha do Governador, na Praia da Guanabara. Foi erguida na Pedra dos Amores e representa um gato maracajá, uma espécie de gato selvagem que habitava a ilha. A Pedra da Onça guarda diversas histórias mitológicas que giram em torno de um jovem Temiminó e seu gato de estimação.

A preservação da memória popular

A memória popular é um elemento muito importante para a construção histórica de um lugar e o Laboratório Oral de História e Imagem da **Universidade Federal Fluminense** (LABHOI-UFF) organizou uma série de pesquisas sobre o bairro **São Lourenço**, que incluiu registros fotográficos e entrevistas com moradores.

A maior parte das entrevistas foram feitas em 2003 por alunos da graduação em História da UFF. A professora **Hebe Mattos**, integrante do Laboratório de História Oral e Imagem ministrava aulas de História Oral e como trabalho final foi exigido a realização dessas entrevistas. Os estudantes Lohana Brito de Freitas, Marília Nogueira dos Santos e Tarso Tavares Vicente foram os responsáveis pelas entrevistas de duas irmãs: Maria do Carmo Pinto Rodrigues e Gláucia Pinto. Entre as várias histórias sobre a infância e as mudanças no bairro ao longo dos anos, essas mulheres contaram que os moradores do bairro se reconheciam como as "descendentes" de Araribóia. Segundo as irmãs, a família falava pouco sobre o passado, mas afirmavam que a bisavó delas fazia parte da sétima geração direta de descendentes do Araribóia. Por esse motivo, elas eram reconhecidas pelas pessoas como tendo "sangue de Araribóia". Maria do Carmo conta também que durante as festividades que aconteciam no bairro e na cidade de Niterói, a figura desse indígena era sempre trazida como símbolo fundador desses locais.^[26]

Essas histórias contadas pelas irmãs servem para mostrar a importância que a memória popular tem de preservar uma história de figuras importantes, fatos históricos e a construção de alguns locais. Tais histórias vão passando de geração em geração e podem ser usadas pelos historiadores, junto com outras fontes, para construir uma história local.^[26]

Ver também

- Invasões francesas no Brasil**
- História indígena**
- Rio de Janeiro**
- Espírito Santo**

Referências

- ↑ Cunha 2014, p. 33-34.
- ↑ NAVARRO, E. A. *Dicionário de tupi antigo: a língua indígena clássica do Brasil*. São Paulo: Global, 2013. p. 60.
- ↑ WÈRRS, Carlos (1984). *Niterói, Cidade Sorriso. A história de um lugar*. Rio de Janeiro: [s.n.]
- ↑ ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. *Metamorfozes indígenas: identidade e cultura nas aldeias coloniais do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003.
- ↑ DA SILVA, Rafael Freitas (2022). *Araribóia: O indígena que mudou a história do Brasil - Uma biografia*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, pp. 285 páginas. ISBN 6584510001
- ↑ ALMEIDA, Maria Regina Celestino (20 de dezembro de 2000). «Os índios aldeados no Rio de Janeiro colonial: novos súditos cristãos do Império Português» (PDF). *Biblioteca da Unicamp*. Consultado em 27 de novembro de 2023. Cópia arquivada (PDF) em 27 de novembro de 2023
- ↑ Souza, Antônio de (28 de dezembro de 1985). «Pedra, Gato e Indígena» (PDF). *Revista de História da UFF*. Consultado em 30 de novembro de 2023
- ↑ JULIO, Suelen Siqueira (26 de dezembro de 2019). «Presença indígena na história: reflexões em torno da Igreja de São Domingos Gusmão (Niterói, Rio de Janeiro): Indigenous presence in history: reflections around Igreja de São Domingos Gusmão (Niterói, Rio de Janeiro)» *Revista Nordestina de História do Brasil* (3): 104–118. ISSN 2596-0334
- ↑ BARBOSA, Franciana; DUARTE, Antonio. (2019). *Câmara Municipal de Niterói: 200 Anos de Glórias*. Niterói: Db Editora. p. 18
- ↑ ALMEIDA, Maria Regina Celestino. «Araribóia - Ilustríssimo chefe indígena»
- ↑ Monteiro, Gilson (21 de novembro de 2022). «Aniversário de Niterói deixa de ser feriado, mas prefeitura gasta com 20 dias de shows» (PDF). *Coluna do Gilson*. Consultado em 5 de maio de 2023
- ↑ KNAUSS, Paulo (2003). *Sorriso da cidade. Imagens urbanas e história política em Niterói*. [S.l.]: Niterói Livros
- ↑ «Prefeitura de Niterói apresenta projeto para criação da Moeda Social Araribóia» (PDF). *Prefeitura Municipal de Niterói*. Consultado em 30 de novembro de 2023



Entrevistas na casa de Maria do Carmo e Gláucia. A imagem foi produzida por estudantes da graduação em História pela UFF no ano de 2003 e faz parte da coleção São Lourenço dos Índios, no acervo do LABHOI-UFF.^[27]

Criação da página: Igreja de São Lourenço dos índios

Igreja de São Lourenço dos Índios

🗨️ Adicionar línguas ▾

Artigo **Discussão**

Ler **Editar** **Ver histórico** **Ferramentas** ▾

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.



Este artigo carece de **reciclagem** de acordo com o **livro de estilo**. Sinta-se livre para editá-lo(a) para que este(a) possa atingir um **nível de qualidade superior**. *(Novembro de 2023)*

A **Igreja de São Lourenço dos Índios** está localizada no bairro homônimo na cidade de **Niterói**,^[1] destacando-se por ser um dos primeiros assentamentos da ordem jesuítica no Brasil. Tombada em 1922, a **igreja** tem linhas arquitetônicas marcadamente associadas ao estilo das construções da ordem jesuíta. Para além do seu valor arquitetônico, o campo da Arqueologia que têm evidenciado a sua importância como um patrimônio capaz de evocar as relações sociais de seus construtores: indígenas, negros e colonos.^[2]

História

A Igreja de São Lourenço dos Índios é considerada o "marco da fundação do primeiro aldeamento jesuítico da capitania do Rio de Janeiro"^[2]. Antes da construção da igreja, a localidade já era ocupada por diversas produções agrícolas e espaços onde posteriormente se tornaram as regiões de **São Domingos** e **Praia Grande**. O aldeamento, atual Niterói, foi uma sesmaria concedida e registrada no nome de **Martim Afonso de Souza** **(Arariboia)**^[3], pelo seus esforços na guerra contra os franceses e os tamoiós. Fazia fronteira com: São Gonçalo, São João de Icaraí e São Sebastião de Itaipu. Por ordem régia de 8 de maio de 1758, o aldeamento de São Lourenço dos Índios foi incorporado ao patrimônio da Coroa portuguesa. Ademais, analisando o entorno da freguesia de São Lourenço, o aldeamento era inferior economicamente a outras freguesias vizinhas tendo sido extinta em 1866. Todavia, as fontes da época ainda se referiam a aldeia de São Lourenço dos Índios. Além de ser um marco de fundação, a igreja também presidia as "tradicionalis missas de comemoração do aniversário de Niterói"^[2] no dia 22 de novembro .



Fachada da Igreja São Lourenço dos Índios, localizada no bairro de **São Lourenço**, em **Niterói**.^[2]

No início do século XX, em 14 de fevereiro de 1908, um projeto foi enviado à Câmara por José Luiz de Arariboia Cardoso, fundador da **Comissão Glorificadora à Martim Afonso Arariboia**, com a finalidade de transferir a Igreja para o domínio municipal. Neste documento também, havia uma passagem onde relatava que nesta igreja estão "sepultados os primeiros defensores do nosso [sacro] Brazil"^[4], referindo-se ao Arariboia e também a exaltação da memória de possíveis missas celebradas por Manoel da Nóbrega, José de Anchieta, entre outros. Em 1915, o prefeito de Niterói da época, Octávio Carneiro, demonstrou interesse em incorporar a Igreja como Patrimônio Municipal da cidade em consonância com o projeto anterior de Arariboia Cardoso. Já na gestão de outro prefeito, Gustavo Lira da Silva, em 1933, estes processos se concretizaram.

A igreja de São Lourenço dos Índios é de suma importância para a cidade de Niterói e para a preservação da memória dos povos indígenas da época e de seus descendentes. Além disso, os elementos que fizeram composição com a memória indígena além da Igreja, como o Chafariz Martim Afonso e o Busto do Arariboia, também foram importantes para a construção da cidade e reconhecimento de sua história.

Arquitetura

Em uma carta datada de 21 de maio de 1570, o padre Gonçalo de Oliveira refere-se uma igreja construída no local, onde hoje é São Lourenço, e ao que tudo indica, essa primeira construção era provisória e sua estrutura foi feita em taipa. Já na inauguração, em 1586, a igreja é reconstruída, mas também com taipa. Em 1627 os jesuítas substituem a estrutura por uma mais duradoura, feita de pedra e cal, e em 1729, a capela é reconstruída à sua atual forma. No ano de 1769 é finalizada a construção da torre do sino. Em 1794, uma visita da Pastoral **Monsenhor Pizarro**^[2] descreve a situação deteriorada da igreja. A partir de sua descrição, sabe-se que as paredes eram feitas de pedra e cal, que ainda resistiam, mas que o madeiramento da estrutura estava arruinado e tomado por cupim. A fachada simples reflete o estilo arquitetônico das edificações jesuítas do século XVI. Algumas relíquias de extremo valor se encontram na igreja: um lavabo de pedra portuguesa, um púlpito de madeira, e um **retábulo** de madeira, considerado pelo arquiteto **Lúcio Costa** como o mais belo exemplar brasileiro da arte jesuítica, com a imagem de São Lourenço^[5] Há também, na entrada da igreja, um tapete contendo as datas importantes para a igreja: 1568 / 1570 / 1586 / 1627 / 1729 / 1769. Faz parte também da arquitetura da igreja tijoleiras indígenas, que são como assinaturas deixadas pelos indígenas no momento em que o altar foi construído.



Tapete da igreja São Lourenço dos Índios.^[2]



Altar da Igreja São Lourenço dos Índios.^[2]

Tombamento

Após mudanças que ocorreram sobre a modernização da preservação do patrimônio brasileiro, nos anos de 1950 e 1960, sob a gestão de Renato Soeiro, o **SPHAN** passa a exigir nova dimensão de valores, iniciando uma fase de referência cultural, não mais apenas uma referência heróica. Também se inicia nesse período, o envolvimento dos governos estaduais e municipais nas novas atividades de proteção ao patrimônio, por meio dos chamados Encontros de Brasília e Salvador, realizados em 1970 e 1971 por iniciativa do **MEC**. Essa mudança se baseou na proposta de uma tradição que estivesse viva a partir do patrimônio, começando a se formar uma ideia de bem cultural e com foco naqueles que foram excluídos das representações culturais do país.^[2]

No caso da Igreja de São Lourenço dos Índios, o que ocorreu foi o tombamento municipal realizado pela prefeitura em 28 de fevereiro de 1992, conforme a **Lei nº 1.038/92** (Ibid., p. 59), uma vez que o federal havia sido feito já nas primeiras décadas do século XX. Dessa forma, no âmbito municipal, a Igreja passa a ser reconhecida pelo seu marco como a fundação do primeiro assentamento lusitano do lado oriental da Baía de Guanabara, além de seu valor artístico. Assim, o arquiteto Cyro Lyra registra "Ao tombar São Lourenço dos Índios, Niterói reconhece que, além do significado excepcional que possui esse bem para a história da arte e de arquitetura - razão principal do tombamento federal - há outro que mais diretamente fala à população niteroiense: o de ser esse sítio o núcleo gerador da cidade".^[2]

A igreja de São Lourenço dos Índios, durante o século XX, passou por diversas intervenções, registradas a partir do seu primeiro tombamento pelo **IPHAN**, em 1938. Segundo o jornal O Globo, **D. Carmem Lourenço Werneck** foi uma das maiores responsáveis pela manutenção da igreja além de organizadora da festa do padroeiro São Lourenço, todo dia 10 de agosto, onde a renda das barracas eram transferidas para a igreja. A festa acontece na praça que se localiza em frente à igreja e foi inaugurada em 1953, onde foram encontrados esqueletos e peças indígenas. Assim, mesmo que hajam os responsáveis legais pela manutenção da igreja, apontados pela 6ª SR, a pessoa que cuida da igreja, a mantém limpa e arejada, é D. Carmem. Em novembro de 1982, a igreja foi reaberta devido aos esforços do padre Brás e da **Arquidiocese de Niterói** que, com apoio da prefeitura e da Enlur. D. Carmem veio a conseguir a zeladoria da igreja, mesmo que apenas em 1990, mas mesmo assim, ainda enfrentou dificuldades em cuidar dela. D. Carmem veio a falecer 7 anos depois de conseguir a zeladoria, não podendo ver a



D. Carmem com as chaves da igreja.^[2]

Restauração

Em 1999, a Prefeitura Municipal, com apoio do Ministério da Cultura, promoveu obras de revitalização da Igreja e, em março dos anos 2000, foram iniciadas as obras civis, a restauração artística e arqueológica, além da pesquisa histórica do local.

Pela arqueologia, o primeiro local a ser escavado foi a parte lateral da igreja, chamado de pátio da sineira, onde foram encontrados restos de ossos humanos sem caixão ou roupas e adereços e, de acordo com a documentação levantada pela pesquisa histórica, conforme as Atas e os Documentos da Câmara Municipal de Nitcheroy, ocorreu um aproveitamento do terreno à direita da igreja, que seria usado como cemitério para escravizados negros ao longo da existência da igreja, devido a falta de cemitérios anexos à matriz. Do outro lado, na área que fica a sacristia, também foram evidenciados aterramentos, mas esses possuíam caixões, o que leva a crer que pessoas de classes sociais superiores eram enterradas ali. Estudos também mostram que a igreja possuía uma parte anterior a entrada de fato da Igreja, onde foram encontrados cachimbos de cerâmica e isso mostra a possibilidade da presença de escravizados negros.^[2]

A interdisciplinaridade no projeto de restauração da igreja possibilitou muitos estudos e descobertas acerca da história daquela região, possibilitando enxergar e entender a igreja não apenas como algo produzido pela Companhia de Jesus, mas também produzido pelos agentes sociais de sua construção, os indígenas, africanos/negros e colonos, e também como produtora das relações sociais destes.^[2]

Com indícios de que a pesquisa arqueológica poderia ter elaborado mais a fundo seus trabalhos, a possibilidade de um museu-sítio em São Lourenço dos Índios não foi executada e, ao invés disso, preferiu-se uma pequena exposição dos itens encontrados na escavação, acompanhada de dois painéis que descrevem brevemente o estudo histórico, arqueológico e arquitetônico. Também não foram tomadas providências para que a população fosse informada sobre os estudos e descobertas, dificultando o principal objetivo do tombamento de um patrimônio, que é a preservação social dele.^[2]

No dia 22 de novembro de 2001 a Igreja São Lourenço dos Índios foi inaugurada e aberta no dia 22 de novembro de 2001, às 16 horas, para visitas guiadas e, também, o prefeito Jorge Roberto Silveira realizou uma cerimônia de inauguração do busto de **Araribóia**, localizado na Praça General Rondon s/n, localizada em frente à igreja. Entretanto, segundo pesquisas, alguns moradores locais quando perguntados sobre a data 22 de novembro e sua comemoração, reclamam que a praça e a igreja ficam cheias de turistas e políticos, enquanto no dia 10 de agosto, aniversário do dia de São Lourenço, a praça se enche de moradores locais, mostrando a importância cultural da data para o local, enquanto, em contraponto, existe a importância dada pelas autoridades à data 22 de novembro, que é ligada a **Araribóia**, fundador da cidade.^[2]

Referências

- ↑ «**São Lourenço (Niterói)**» l. *Wikipédia, a enciclopédia livre*
- ↑ «**abcdeghijkl** «Guimarães, Emerson de Carvalho. Para além do tombamento: os sentidos da patrimonialização da igreja de São Lourenço dos Índios de Niterói. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da UFF, Niterói, 2020.»
- ↑ «**Araribóia**» l. *Wikipédia, a enciclopédia livre*. 28 de novembro de 2023. Consultado em 29 de novembro de 2023
- ↑ Trecho da transcrição da Fundamentação do projecto que auctorisa o Excelentíssimo Senhor Prefeito a incorporar ao patrimonio Municipal de Nitcheroy como Monumento Historico do Seculo XVI a Egreja de São Lourenço do Outeiro de Arangibola. Arquivo Central do IPHAN. SÉRIE INVENTÁRIO. Niterói – RJ – Igreja São Lourenço dos Índios. Notação I – RJ -0204-01. Título do Dossiê: Histórico e descrição do bem (01 a 73 folhas). Rio de Janeiro.
- ↑ «**Niterói – Igreja de São Lourenço dos Índios** | **ipatrimônio**» l. Consultado em 26 de novembro de 2023



Antes e depois do Altar



Restos de cachimbos de cerâmica encontrados pela arqueologia.

Diversificação das plataformas: Wikiquote

História indígena

Adicionar línguas

Artigo [Discussão](#)

Ler [Editar](#) [Ver histórico](#) [Ferramentas](#)

Origem: Wikiquote, a coletânea de citações livre.

Esta página foi marcada para revisão!

Se você tem algum conhecimento sobre o assunto, revise as informações a respeito do autor ou tema.



História Indígena [\[editar\]](#)

Esta página tem por objetivo trazer citações de historiadores sérios e comprometidos com a história e assim contribuir para a difusão do conhecimento acadêmico sobre os povos indígenas do período colonial.

Nossa abordagem destaca a resistência e persistência das comunidades indígenas em meio às transformações impostas pelo contato com os colonizadores.

Iremos destacar como esses povos, embora tenham enfrentado opressão e violência, também buscaram formas de preservar suas culturas, conhecimentos e sistemas sociais.

Maria Regina Celestino de Almeida [\[editar\]](#)

Citações retiradas do livro *Os Índios na História do Brasil* (2010)

- "Os índios não estavam na América a disposição dos europeus, e se muitos os receberam de forma extremamente aberta e cordial, oferecendo-lhes alimento, presente e, inclusive, mulheres, não o fizeram por ingenuidade ou tolice. A abertura ao contato com o outro é uma característica cultural de muitos grupos indígenas americanos e especialmente dos tupis." (p.26)^[1]
- "A considerável homogeneidade linguística e cultural dos tupis facilitou o contato e conhecimento sobre eles, mas deu margem a descrições simplistas. Muitos cronistas e missionários reconheciam e apontavam as diferenças, mas tendiam a acentuar as semelhanças." (p.32)^[2]
- "Ao analisar a função social da guerra entre os tupinambás [...] Florestan Fernandes considerou-a elemento básico na organização e reprodução social dos grupos. Ela construiu sentido e coesão social." (p.36)^[3]
- "Os europeus inseriram-se nessas relações intertribais. Na condição de aliados ou inimigos, tinham um papel a desempenhar na sociedade tupinambá." (p.38)^[4]

Citações retiradas do artigo "A atuação dos indígenas na História do Brasil: revisões historiográficas" na *Revista Brasileira de História* (2017)

- "A identificação dos diferentes grupos étnicos que responderam ao contato com os europeus de formas distintas desmonta esquemas simplistas que apresentavam os combatentes em blocos monolíticos e cristalizados nos papéis de aliados ou de inimigos. No Rio de Janeiro, ao invés de franceses e tamoiós



Citações retiradas do artigo "A atuação dos indígenas na História do Brasil: revisões historiográficas" na *Revista Brasileira de História* (2017)

- "A identificação dos diferentes grupos étnicos que responderam ao contato com os europeus de formas distintas desmonta esquemas simplistas que apresentavam os combatentes em blocos monolíticos e cristalizados nos papéis de aliados ou de inimigos. No Rio de Janeiro, ao invés de franceses e tamoiós de um lado e portugueses e teminimós de outro, percebemos uma complicada rede de interações na qual circulavam os diferentes subgrupos tupis, em um vaivém de acordos e disputas entre si e com os europeus." (p.22)^[5]
- "Os líderes indígenas, por sua vez, sabedores da importância do seu papel, negociavam suas alianças em troca de benefícios que iam além dos ganhos materiais. Suas importantes funções, principalmente nas guerras, abriam espaço para certa ascensão social que, embora limitada, foi por eles bastante valorizada." (p.24)^[6]
- "Essenciais na política de colonização, as aldeias, estabelecidas com o acordo entre Coroa e Igreja, visavam não apenas cristianizar os índios, mas ressocializá-los, tornando-os súditos cristãos do rei, com vários papéis a cumprir na nova sociedade que se construía." (p.26)^[7]
- "Apesar da escassez de fontes para se identificar os escravos índios dadas as restrições legislativas, há claros indícios de sua ampla existência na capitania até, pelo menos, a segunda metade do século XVII." (p.27)^[8]
- "Apesar da condição subalterna e dos incalculáveis prejuízos, abusos e explorações que lhes eram impostos, os índios participaram ativamente dos embates sobre seu trabalho." (p.28)^[9]

Emerson de Carvalho Guimarães [\[editar\]](#)

Citações da tese de doutorado, *Para além do Tombamento Os Sentidos da Patrimonialização da Igreja de São Lourenço dos Índios de Niterói* (2020)

- "Segundo a arqueóloga Rosana Najjar a fundação de um aldeamento pelos jesuítas não se dava a partir da existência de uma igreja. Pelo contrário, era a partir da atividade de catequese que os religiosos passavam a conquistar a confiança dos indígenas para desenvolver a organização do aldeamento, e na conclusão e afirmação desse processo é que se iniciava a construção da igreja que identificava a comunidade aldeada." (p.14)^[10]

João Pacheco de Oliveira, Carlos Augusto da Rocha Freire [\[editar\]](#)

Citações retiradas do livro, *A Presença Indígena na formação do Brasil* (2006)

- "O pintor holandês Albert Eckhout representou essa ruptura conceitual na sua obra: nos quadros que retratam índios Tupis e "Tapuios", os índios "aliados" eram pacíficos, trabalhadores, tinham família, andavam vestidos (foram "domesticados"), estavam acessíveis ao trabalho cotidiano, enquanto os índios "bravos" (bárbaros) eram antropófagos que andavam nus, carregando despojos esquartejados como alimentação e guerrevam os colonizadores." (p.29)^[11]
- "A disciplina imposta aos índios para que se tomassem vassalos do reino português envolvia uma resistência pouco conhecida: frequentemente os índios negavam o aprendizado, abandonando os aldeamentos em busca de seus territórios nos sertões." (p.47)^[12]
- "O contato dos povos indígenas com os invasores coloniais – portugueses, franceses, holandeses etc. – não pode ser reduzido ao binômio extermínio e mestiçagem. Desde as primeiras relações de escambo (Marchant, 1980), passando pelas inúmeras alianças guerreiras até o desespero causado pelas epidemias de varíola, cada povo indígena reagiu a todos os contatos a partir do seu próprio dinamismo e criatividade." (p.51)^[13]
- "O desentendimento entre jesuítas e colonos quanto à utilização da mão-de-obra indígena levou à omissão das autoridades espanholas em face dos ataques dos bandeirantes paulistas contra as reduções. Tais ataques ocorreram entre o final do séc. XVI e 1640, quando Portugal esteve submetido à Coroa espanhola no reinado de Felipe II e Felipe III." (p.58)^[14]
- "Os padres caíram em descrédito, perdendo autoridade junto aos índios que passaram a se organizar militarmente para enfrentar portugueses e espanhóis. A "guerra guaranítica" desenvolveu-se através de pequenas escaramuças durante cinco anos, até que as forças guarani, chefiadas pelo capitão Sepé Tiaraju,



Capa do livro *A Presença Indígena na Formação do Brasil* - 2006

Diversificação das plataformas: Wikiquote

- “Os padres caíram em descrédito, perdendo autoridade junto aos índios que passaram a se organizar militarmente para enfrentar portugueses e espanhóis. A “guerra guaranítica” desenvolveu-se através de pequenas escaramuças durante cinco anos, até que as forças guarani, chefiadas pelo capitão Sepé Tiaraju, índio da redução de São Miguel, enfrentaram os exércitos castelhanos e portugueses em fevereiro de 1756.” (p.60)^[15]
- “Nas aldeias transformadas em vilas, os índios passariam a ser governados por juizes e vereadores, e não mais pelos missionários, o que os igualava de um ponto de vista formal aos demais cidadãos. Daí que algumas fontes historiográficas falassem em “emancipação do índio”, perigoso eufemismo que levou a ignorar muitos aspectos nocivos para os indígenas do modelo colonizatório proposto pelo Diretório.” (p.71)^[16]
- “Os índios considerados “assimilados” sofreram grandes perdas patrimoniais. A garantia dos direitos indígenas dependia da atuação dos dirigentes públicos. As sesmarias e as terras de aldeamentos já tituladas deviam ser revalidadas. Estas terras começavam a dificultar o desenvolvimento de regiões litorâneas, sendo muitas vezes identificadas como devolutas apenas como uma etapa de sua transferência ao domínio privado, tornando-se de imediato objeto de projetos colonizadores. Muitos índios que tinham títulos legítimos de terras foram expulsos de suas propriedades. Descendentes de indígenas perderam direitos de herança territorial.” (p.75, 76)^[17]

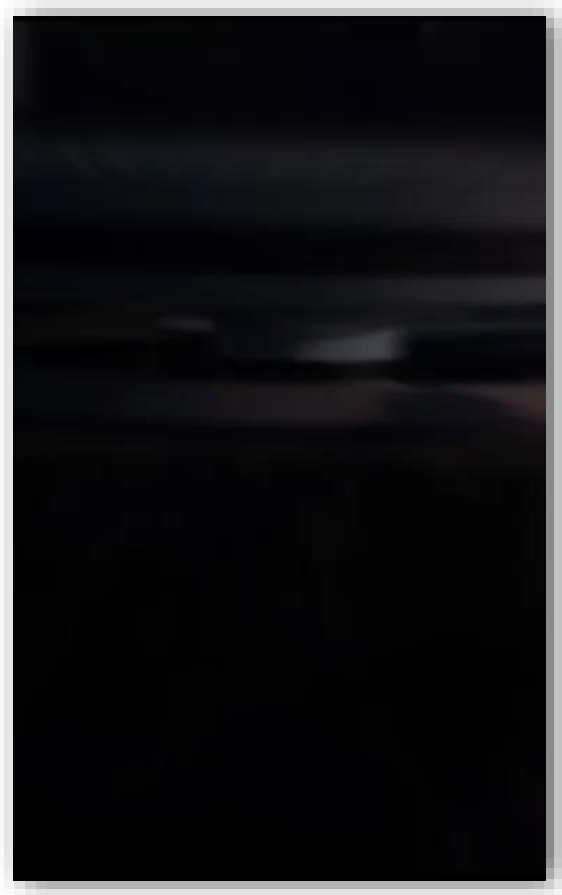
Carlos Fausto [[editar](#)]

Citações retiradas do livro **Os Índios antes do Brasil** (1999)

- “Os sistemas sociais indígenas existentes às vésperas da conquista não estavam isolados, mas articulados local e regionalmente. Ao que tudo indica, vastas redes comerciais uniam áreas e povos distantes. Movimentos em uma parte produziam efeitos em outra, por vezes a quilômetros de distância. O comércio, a guerra e as migrações articulavam as populações indígenas do passado de um modo mais intenso do que observamos hoje.” (p.9, 10)^[18]
- “A discussão sobre a paisagem etnográfica do continente no momento da conquista foi dominada por essa tipologia evolucionista, realizada à sombra do estado. A própria classificação de Steward fora, na verdade, concebida de cima para baixo. O império Inca, como o ápice do desenvolvimento no continente, acabou por definir os demais tipos por carência, levando à caracterização dos povos das terras baixas pela negativa.” (p.14, 15)^[19]
- “Quando Cristóvão Colombo aportou na América, mais precisamente nas Antilhas, encontrou-a densamente ocupada por uma população de língua arawak conhecida como Taíno. Esse povo, que seria dizimado em poucas décadas por epidemias e maus tratos, denominava seus chefes *kasik* — termo a partir do qual os espanhóis criaram o neologismo *cacicazgo* para designar uma província subordinada a um “cacique”. Portanto, cacicado é a rigor o sistema político taíno”. (p.36)^[20]
- “Alguns autores sugerem que, no passado, havia uma distinção entre nobres, comuns e escravos. “Escravo” é um termo empregado com frequência pelos cronistas para caracterizar os cativos de guerra; a categorização respondia a interesses bem práticos: as “tropas de resgate” só podiam escravizar os índios que já fossem escravos.” (p.49)^[21]
- “Essa antiga imagem de “primitividade” e “marginalidade” dos Jê não resistiu, porém, às investigações etnológicas realizadas a partir dos anos 1920. Os trabalhos pioneiros de Curt Nimuendaju e Claude Lévi-Strauss transformaram essa imagem secular sobre o sertão. Os Jê deixaram de ser vistos como caçadores nômades para serem descritos como praticantes de uma sofisticada economia bimodal, que combina períodos de dispersão com outros de agregação em grandes aldeias, estruturadas internamente por um conjunto de metades cerimoniais, por grupos etários e por segmentos residenciais. Essa estrutura não apenas permitia a reunião de uma população numerosa em um mesmo local, como torna-la-ia necessária para o pleno funcionamento institucional.” (p.62)^[22]
- “O que teria faltado então, aos Tupinambás para se erguerem além do “nível tribal”, com tal contingente demográfico e explorando ecossistemas tão ricos? Para uns faltou faltou-lhes tempo; para outros, sobrou-lhes espaço: uma maior densidade populacional e circunscrição ecológica teriam posto a evolução em movimento. Para outros, ainda, eles nutriam um horror ao estado – horror que seria materializado na figura dos grandes xamãs, os karaiba, que lideraram movimentos proféticos.” (p.81)^[23]

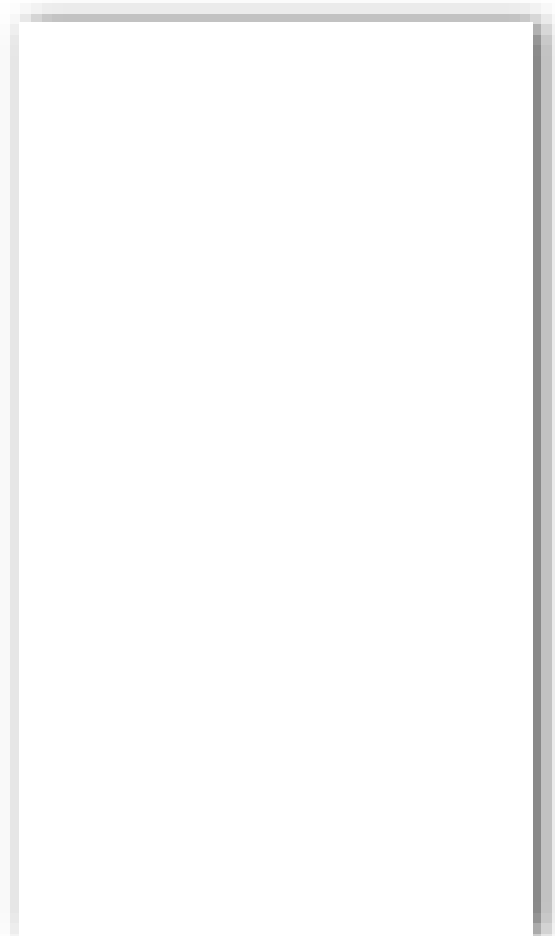
Vídeos produzidos pelos alunos: Tutorial

calibra.

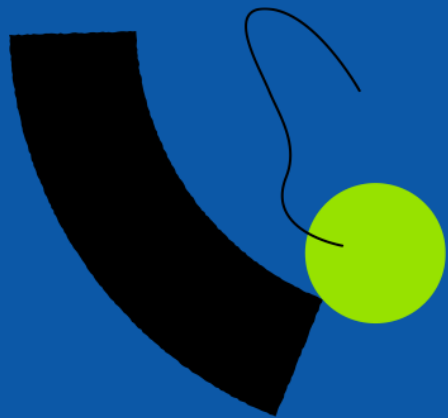


Vídeos produzidos pelos alunos: Tutorial

calibra.



calibra.



Obrigade!